



NOVA
NOVA SCHOOL OF
SCIENCE & TECHNOLOGY

DEPARTAMENTO DE
CONSERVAÇÃO E RESTAURO

ANA RITA CANHOTO CORREIA

Licenciada em Conservação e Restauro

PATRIMÓNIO E COMUNIDADE: Abordagens Participativas e Democratização - Um Caso Prático da Trafaria

MESTRADO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Universidade NOVA de Lisboa
setembro, 2023



PATRIMÓNIO E COMUNIDADE: Abordagens Participativas e Democratização - Um Caso Prático da Trafaria

ANA RITA CANHOTO CORREIA

Licenciada em Conservação e Restauro

Orientadoras: Doutora Rita Macedo,
Professora Associada, Universidade NOVA de Lisboa
Doutora Joana Lia Ferreira,
Professora Auxiliar, Universidade NOVA de Lisboa

Júri:

Presidente: Doutora Agnès Anne Françoise Le Gac Arinto,
Professora Auxiliar, Universidade NOVA de Lisboa

Arguente: Doutora Ângela Sofia Alves Ferraz,
Gestora de Coleções da Associação Hagadá - Tikvá Museu Judaico
Lisboa

Orientadores: Doutora Rita Andreia Silva Pinto de Macedo,
Professora Associada, Universidade NOVA de Lisboa

Património e Comunidade: Abordagens Participativas e Democratização - Um Caso Prático da Trafaria

Copyright © Rita Correia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade NOVA de Lisboa.

A Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade NOVA de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

À minha família e amigos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Gostaria de agradecer à Professora Rita Macedo, orientadora desta dissertação. Foi ela que me abriu caminho para o tema abordado nesta pesquisa e, ao longo de todo o processo, forneceu orientação e apoio inestimável.

Não posso deixar de reconhecer a Biblioteca da Trafaria e a sua equipa. Agradeço à Mariana Vargues e à Sandra Garcia por disponibilizarem recursos valiosos e por toda a sua disponibilidade e dedicação. Agradeço ainda ao grupo do *Laboratório de Memórias*, sem eles este trabalho não seria possível. Capitão (Carlos Santos), Carlos Caria, Eduardo Magalhães, José Manuel Borges, Mifá (Fátima Oliveira), Vítor Azevedo, Vítor Esperança e Zélia Ramusga, muito obrigada.

Gostaria de agradecer à professora Agnès Le Gac por todo o seu apoio e disponibilidade ao longo destes últimos anos.

À minha avó, Natércia Canhoto, gostaria de expressar a minha gratidão pelo apoio constante, carinho e por ter permitido a minha formação académica. Ao meu parceiro, Raúl, e à minha amiga Gabriela, que estiveram sempre ao meu lado.

Muito obrigada.

RESUMO

A investigação foca a colaboração com uma comunidade local no âmbito do projeto europeu T-Factor, que visa estudar a regeneração urbana com base em elementos culturais e sociais, através de usos temporários. O projeto piloto inclui o desenvolvimento de um museu comunitário a fim de preservar memórias locais, destacando a importância da participação da comunidade na gestão e preservação do património.

A comunidade em estudo neste trabalho é o *Laboratório de Memórias*, iniciativa aberta à população local, que ocorre mensalmente no espaço cultural da Trafaria. O principal objetivo deste “laboratório” é resgatar e preservar memórias relacionadas com as pessoas e o local através da partilha de histórias e imagens. Desde o seu começo, em 2014, a iniciativa tem reunido uma vasta quantidade de memórias, no entanto estas ainda não tinham sido estudadas ou trabalhadas. A nossa colaboração com o *Laboratório de Memórias* consistiu no estudo dessas memórias registadas, na participação nos encontros mensais e outras iniciativas para a documentação do património da Trafaria, como entrevistas individuais e visitas de campo. Estas atividades permitiram aprofundar a compreensão e o conhecimento sobre a história e a cultura da comunidade local.

O caso prático permitiu explorar abordagens participativas e descentralizadas na gestão e preservação do património, que podem contribuir para a construção de narrativas mais diversas e inclusivas, criando-se uma alternativa ao Discurso Autorizado do Património realizado exclusivamente por peritos, exteriores à comunidade. Neste trabalho, a interseção entre Museologia Crítica, Estudos Críticos do Património e algumas ferramentas teóricas da “conservação crítica” constituíram lentes de análise, que permitiram observar e problematizar a relação entre as práticas e teorias da preservação do património, considerando as suas dimensões sociais, culturais e políticas. Ao reconhecer o património como recurso comunitário e como agente de transformação social, procura-se simultaneamente promover uma maior consciencialização deste património e ampliar a participação social na preservação e valorização de expressões culturais diversas.

Palavras chave: Património Cultural, Abordagens Participativas, Conservação, Trafaria

ABSTRACT

The research focuses on collaboration with a local community within the scope of the European project T-Factor, which aims to study urban regeneration based on cultural and social elements through temporary uses. The pilot project includes the development of a community museum to preserve local memories, highlighting the importance of community participation in heritage management and preservation.

The community under study in this research is *Laboratório de Memórias*, an initiative open to the local population, held monthly at the cultural space in Trafaria. The primary objective of this "lab" is to retrieve and preserve memories related to people and the local area through the sharing of stories and images. Since its inception in 2014, this initiative has gathered a significant amount of memories, although they had not yet been studied or worked on. Our collaboration with the Memory Lab involved studying these recorded memories, participating in monthly meetings, and other initiatives for documenting Trafaria's heritage, such as individual interviews and field visits. These activities allowed for a deeper understanding and knowledge of the history and culture of the local community.

The practical case enabled the exploration of participatory and decentralized approaches in heritage management and preservation, which can contribute to the creation of more diverse and inclusive narratives, providing an alternative to the Authorized Heritage Discourse conducted exclusively by external experts. In this work, the intersection between Critical Museology, Critical Heritage Studies, and some theoretical tools of "critical conservation" constituted analytical lenses that allowed for the observation and problematization of the relationship between heritage preservation practices and theories, considering their social, cultural, and political dimensions. By recognizing heritage as a community resource and an agent of social transformation, the aim is to simultaneously promote greater awareness of this heritage and expand social participation in the preservation and appreciation of diverse cultural expressions.

Keywords: Cultural Heritage, Participatory Approaches, Conservation, Trafaria

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO	1
2	ESTADO DA ARTE- PATRIMÓNIO E JUSTIÇA SOCIAL	3
2.1	Introdução	3
2.2	Descolonizar o património, o museu e a conservação.....	3
2.3	Abordagens participativas na preservação e gestão do património	8
3	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	13
3.1	Contexto de trabalho	13
3.1.1	<i>Laboratório de Memórias</i>	13
3.1.2	Trafaria	15
3.2	Abordagem metodológica: Enquadramento teórico e práticas adotadas	16
3.2.1	Contextualização teórica das abordagens participativas na preservação do património: da teoria à prática	16
3.2.2	Metodologia e abordagens aplicadas	17
4	REFLEXÃO E DISCUSSÃO: A TRAFARIA COMO CASO DE ESTUDO PARA INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE PATRIMÓNIO E COMUNIDADE	21
4.1	O papel do património na construção de identidades culturais	21
4.2	Participação e envolvimento da comunidade na preservação do património: relação entre participação e identidade	24
4.3	Desenvolvimento de narrativas inclusivas e diversificadas no património	26
4.4	Considerações finais	27
	BIBLIOGRAFIA	30
A	APÊNDICE- DOCUMENTAÇÃO DO LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS	33

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Encontro do <i>Laboratório de Memórias</i> em setembro de 2022	18
Figura 2- Trajeto percorrido na visita de campo	35
Figura 3- Mapeamento dos comércios da Trafaria	43
Figura 4- Mapeamento dos comércios da Trafaria.	45

SIGLAS

AHD	Authorized Heritage Discourse
UNESCO	UNESCO – United Nations Educational Scientific, and Cultural Organization
ICCROM	International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property

INTRODUÇÃO

O património cultural, ao longo do tempo, tem ganho reconhecimento crescente como um elemento central na construção da identidade e coesão social. No entanto, este reconhecimento traz consigo uma responsabilidade de assegurar que o património seja acessível a todos, e que não perpetue desigualdades históricas. Neste contexto, o presente trabalho procura contribuir para o estudo de como o património pode ser efetivamente utilizado como uma ferramenta para promover a inclusão, equidade e valorização de diversas narrativas culturais. Recorrendo a um caso de estudo que relaciona a conservação, a gestão do património e a participação ativa das comunidades.

A investigação foca a colaboração com uma comunidade local no âmbito do projeto europeu T-Factor, que visa estudar a regeneração de cidades a partir de aspetos culturais e sociais. Iniciado em 2020, o referido projeto conta com seis casos piloto na Europa, sendo um deles Lisboa/Trafaria. Este Piloto consiste na conversão do antigo presídio da Trafaria no Instituto de Arte e Tecnologia da Trafaria (IAT). Uma componente deste projeto é a criação de um museu comunitário da Trafaria que procura ser um espaço vivo e um processo de trabalho contínuo com a população. Este projeto difere dos museus tradicionais, pois não possui uma coleção permanente nem um espaço físico. O seu objetivo principal é promover sustentabilidade social e ambiental através de relações sociais, construção de comunidade, senso de pertença e expressão cultural. No âmbito deste Piloto, a conservação do património assume um lugar central com a atividade que propõe a criação do museu comunitário para o qual o estudo das diversas comunidades se torna necessário (Macedo, 2023).

Uma dessas comunidades é o *Laboratório de Memórias*, inicialmente denominado *(Re) Descobrir a Trafaria*, existe desde 2014 como iniciativa da EDA- Ensaios e Diálogos Associação¹ e da Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria. Esta é uma iniciativa aberta à população local ocorrendo mensalmente no espaço cultural da Trafaria. O principal objetivo deste “laboratório” é resgatar e

¹ A EDA é um coletivo internacional e transdisciplinar com indivíduos de diversas áreas, que experimenta formas alternativas de intervenção através da cultura, arte e arquitetura (e-da, 2019).

preservar memórias relacionadas com as pessoas e o local através da partilha de histórias, imagens e objetos (Macedo, 2023). A nossa colaboração com o *Laboratório de Memórias* consistiu no estudo dessas memórias registadas no arquivo da biblioteca (gravações, vídeos, documentos, fotografias textos), na participação nos encontros mensais e outras iniciativas para a documentação do património da Trafaria, como entrevistas individuais e visitas de campo, focando um tema central da Trafaria: os comércio locais. Estas atividades permitiram aprofundar a compreensão e o conhecimento sobre a história e a cultura da comunidade local. Posteriormente a esta recolha, espera-se que estas memórias venham a ser integradas no museu comunitário do projeto T-Factor/Piloto Trafaria.

Para além do trabalho com o *Laboratório de Memórias*, também participámos noutras atividades na Trafaria, da EDA e do projeto T-Factor, que não estavam diretamente relacionadas com o trabalho prático, mas proporcionaram experiência e conhecimento sobre a comunidade e abordagens participativas. Ademais, forneceram ferramentas práticas e teóricas que apoiaram a investigação.

O caso prático permitiu explorar abordagens participativas e descentralizadas na gestão e preservação do património, que podem contribuir para a construção de narrativas mais diversas e inclusivas, criando-se uma alternativa ao Discurso Autorizado do Património (AHD), desenvolvido exclusivamente por peritos, exteriores à comunidade (Smith, 2006). Neste trabalho, a interseção entre Museologia Crítica, Estudos Críticos do Património e algumas ferramentas teóricas da “conservação crítica” constituíram lentes de análise, que permitiram observar e problematizar a relação entre práticas e teorias da preservação do património, considerando as suas dimensões sociais, culturais e políticas. Ao reconhecer o património como recurso comunitário e como agente de transformação social, procura-se simultaneamente promover uma maior consciencialização deste património e ampliar a participação social na preservação e valorização de expressões culturais diversas.

A investigação incluiu diversas etapas, desde a imersão na vila da Trafaria através do estudo do arquivo da biblioteca e do envolvimento com a comunidade, até à participação ativa nos encontros mensais e eventos locais. Essa abordagem participativa permitiu uma compreensão mais profunda do contexto e da dinâmica da comunidade, fundamentais para a pesquisa sobre o seu património. Outra etapa, igualmente importante, foi a revisão da literatura que não só ajudou a desenvolver ferramentas de apoio ao trabalho prático como também auxiliou no aprofundamento de conceitos que fundamentaram a prática.

De acordo com a bibliografia consultada, a incorporação de abordagens participativas e descentralizadas na gestão do património, estimula a construção de narrativas mais inclusivas e a revalorização das expressões culturais menos representadas (Court & Wijesuriya, 2015). Assim, com este estudo esperamos contribuir para a contínua discussão sobre o papel do património na construção da identidade das comunidades e na própria conservação nesse contexto em evolução.

ESTADO DA ARTE- PATRIMÓNIO E JUSTIÇA SOCIAL

2.1 Introdução

Recentemente, o património tem vindo a ser progressivamente reconhecido como um elemento primordial na construção da identidade e coesão social.

Neste Estado da Arte, explora-se a relação entre o património e justiça social, com um enfoque específico na descolonização do património, bem como nas abordagens participativas na sua gestão e preservação. Ao investigar estas temáticas, procura-se compreender como o património pode ser eficazmente utilizado como uma ferramenta para promover a inclusão, equidade e valorização das diversas perspetivas culturais existentes.

Com o intuito de enriquecer o estudo, é essencial considerar a experiência prática vivenciada na Trafaria. Ao longo de cerca de um ano colaborou-se com uma pequena comunidade local onde foi possível recolher e mapear parte do património intangível da localidade para posteriormente integrar o museu comunitário da zona. Esta experiência prática na Trafaria ofereceu uma perspetiva concreta e contextualizada sobre as questões abordadas neste Estado da Arte, permitindo uma reflexão aprofundada sobre os desafios e possibilidades de utilizar o património como um instrumento efetivo de fortalecimento das comunidades locais e promoção da diversidade cultural. Ao incorporar essas práticas participativas e descentralizadas na gestão do património, procura-se estimular a construção de narrativas mais inclusivas e a revalorização das expressões culturais menos representadas.

2.2 Descolonizar o património, o museu e a conservação

As relações socio-culturais contemporâneas entre as ex-colónias europeias e a Europa ainda são amplamente influenciadas pelo passado colonial. De acordo com Dean Sully, investigador na área da conservação e estudos do património, (ucl.ac, 2023), a história dos países colonizadores e das suas ex-colónias está intrinsecamente ligada, moldando as crenças e ações atuais nas esferas culturais,

económicas, políticas, militares e sociais (Sully, 2007, p 27). Esta influência colonial também é evidente nas metodologias e sistemas de conhecimento ocidentais, que foram moldados pela expansão colonial europeia e pela imposição de uma narrativa estrangeira sobre os sistemas de conhecimento de outras culturas (Sully, 2007, p 28). Através do processo de colonização, os europeus ganharam o poder de estudar o passado de outros, que estavam distantes deles cultural e geograficamente (Sully, 2007, p 32). Esta prática foi sempre considerada legítima, uma vez que era levada a cabo, alegadamente, em nome da ciência e da academia. Desta forma, a Europa apropriou-se das diversas narrativas, construindo uma identidade oposta às demais, mantendo poder sobre outras nações, no passado e no presente (Sully, 2007, p. 28).

Parte desta metodologia foi e é a negação de vozes alternativas, o que constituiu um processo crucial de afirmação da ideologia colonial (Sully, 2007, p. 28). Atualmente, este processo ainda é perceptível em diversas áreas, inclusive no campo do património, onde a voz dos colonizados é ignorada ou desacreditada em favor da voz dos colonizadores. Também é relevante salientar que estas estratégias de colonização e os frutos destes processos não se aplicam apenas às relações literais entre colonizados e colonizadores, no sentido geopolítico, mas também a outras estruturas e dinâmicas de poder em que existem dominadores e dominados ou opressores e oprimidos.

Na área do património são evidentes as influências pós-colonialistas. O termo aplicado por Laurajane Smith para descrever o discurso dominante é Discurso Autorizado do Património ou *Authorized Heritage Discourse* (AHD). De acordo com a autora, investigadora no campo dos estudos do património, o AHD representa a perspetiva dominante no contexto do património ocidental, cujo propósito é naturalizar uma série de pressupostos acerca da natureza e do significado do património (Smith, 2006, p. 4). Nesse sentido, Smith argumenta que esse discurso concede privilégio à monumentalidade e grandiosidade, à relevância intrínseca dos artefactos e locais associados a uma extensa linha temporal, ao julgamento científico e estético dos especialistas, ao consenso social e à construção da identidade nacional (Smith, 2006, p. 4). Adicionalmente, a autora afirma que os discursos autorizados do património exercem influência sobre as práticas profissionais relacionadas com o património, perpetuando-se e condicionando a construção e expressão de identidades sociais e culturais específicas, além de atuarem como um instrumento para regular e resolver a dissonância (Smith, 2006, p. 4). Laurajane Smith sustenta que, ao contrário da conceção tradicional do património no contexto ocidental, o verdadeiro sentido do património não reside na posse e na materialização dos objetos em si, mas sim na ação de transmitir e receber memórias e conhecimento, assim como na forma como os utilizamos e criamos memórias que contribuem para a nossa compreensão do “eu” (Smith, 2006, p. 2). Smith afirma que todo o património é, em última instância, intangível, pois embora existam espaços físicos e objetos, estes não possuem valor intrínseco (Smith, 2006, p. 3). O valor e o significado do património derivam dos processos e atividades culturais que atualmente ocorrem nesses espaços (Smith, 2006, p. 3). É

neste contexto que surge a área de estudos conhecida como *Critical Heritage Studies* ou Estudos Críticos do Património, a qual oferece uma nova perspetiva para se compreender e envolver com o património, desafiando as abordagens tradicionais e o Discurso Autorizado do Património (2012 Manifesto). Trata-se de um campo interdisciplinar que recorre a diversas áreas de estudo, incluindo a sociologia, a antropologia, a ciência política e outras ciências sociais, para questionar as abordagens convencionais do património e defender os interesses daqueles que foram excluídos da criação e gestão deste mesmo (2012 Manifesto). Os Estudos Críticos do Património procuram democratizar o património, rejeitando narrativas culturais elitistas e valorizando as visões do património de pessoas, comunidades e culturas historicamente marginalizadas (2012 Manifesto). O termo começou a ser usado no nos anos 2000, no entanto, tem antecessores que remontam a 1950, como David Lowenthal² e Françoise Choay³ (Kolesnik & Rusanov, 2020). Em 2012 foi fundada a *Association of Critical Heritage Studies* com o objetivo de criar uma rede internacional e interdisciplinar de investigadores aberta ao diálogo intercultural (Kolesnik & Rusanov, 2020).

Na área da Museologia também são evidentes as influências do passado colonial. Sully (2007, p. 31) destaca que as instituições museológicas desenvolveram teorias baseadas em espécimes e artefactos para fornecer evidências físicas da validade das suas ideias e verdades, sendo a preservação desses objetos um dos objetivos dos museus e de outras instituições detentoras de património. Esta preservação dos objetos visa também a preservação dos valores coloniais. Eilean Hooper-Greenhill, investigadora em estudos museológicos, define a conceção de museu neste contexto como um “mito” (Hooper-Greenhill, 2000, p. 10). A autora refere-se a este mito como o conceito do museu que existe na imaginação de muitos, aquele que representa a cultura e civilização assim como poder e controlo. Esta crença de que os museus devem ser autoritários e informativos é um mito, uma vez que este não existe devido a uma série de fatores, como a falta de financiamento, a má gestão, entre outros (Hooper-Greenhill, 2000, p. 10). A autora acrescenta ainda que muitos profissionais procuram alcançar essa meta (Hooper-Greenhill, 2000, p. 10). Contudo, Sully observa que ao longo do século XX ocorreram algumas mudanças na museologia (Sully, 2007, p. 36). Estas instituições, que antes estavam voltadas principalmente para a pesquisa interna das suas coleções e para as suas organizações, foram desafiadas a considerar mais as necessidades das comunidades, o que criou novos desafios para a museologia e para a conservação (Sully, 2007, p. 36) e um questionamento do mito do museu definido por Hooper-Greenhill, referido anteriormente. À semelhança dos *Critical Heritage Studies*, a museologia também desenvolveu uma área de estudo que questiona as bases da museologia: a *Critical Museology*

² David Lowenthal foi um historiador e uma figura fundamental no campo dos estudos do património, frequentemente referido como o “pai dos estudos do património” (Gentry & Smith, 2019). Lowenthal enfatizou que o património não era a história, mas sim o que as pessoas faziam da sua história para se sentirem bem consigo mesmas (Clout, 2018).

³ Françoise Choay foi uma investigadora que analisou os conceitos de “monumento” e a sua evolução, criticou a padronização global e o uso genérico do termo “património” (Iccrom, 2022). A sua pesquisa influenciou as discussões sobre os desafios impostos por um mundo globalizado e a preservação do carácter das cidades (Iccrom, 2022).

ou Museologia Crítica (Shelton, 2013). De acordo com Anthony Shelton (2013), professor de antropologia com especialização em museologia crítica, a museologia crítica é um campo acadêmico que analisa de forma profunda e reflexiva como os museus e outros espaços culturais comunicam e representam a cultura. Este campo investiga as histórias, narrativas, mensagens e imagens transmitidas por essas instituições, bem como as estruturas organizacionais que as sustentam (Shelton, 2013). Além disso, procura identificar e questionar qualquer viés cultural ou perspectiva dominante que possa estar presente nas exposições e na gestão desses espaços (Shelton, 2013). Assim, o objetivo da área é promover uma abordagem mais inclusiva e intercultural na apresentação e interpretação da cultura, através do desenvolvimento de novos tipos de exposições e da reavaliação das práticas museológicas tradicionais (Shelton, 2013).

Em 2021, o 44º simpósio do ICOFOM (*International Committee for Museology*), abordou como tema central a descolonização da museologia (Bergeron & Rivet, 2021, p. 15). O simpósio abordou três temas principais relacionados com a descolonização do património, incluindo transformações dentro de museus, o papel das comunidades culturais nas coleções e o questionamento dos mitos de origem dos museus. De acordo com os autores Bergeron e Rivet (2021)⁴, no referido simpósio acabou por se concluir que a definição de museu estava a ser contestada, o que colocava em causa a tradição museológica com missão centrada no património material e na validade da cultura erudita (Bergeron & Rivet, 2021, p. 16). Na sequência destas críticas, questionou-se também se este movimento de protesto, que muitos acreditavam ser uma rejeição do conceito de museu, não seria apenas uma tentativa de o configurar a partir de novas abordagens e de conferir um novo propósito (Bergeron & Rivet, 2021, p. 17). Parte das críticas às instituições museológicas dirigiu-se ao facto de estas não contribuírem para responder aos desafios da justiça social, mostrando uma atitude irresponsável (Bergeron & Rivet, 2021, p. 16). Durante o simpósio salientou-se que, apesar de parecer que estes desafios recaíam mais sobre as instituições museológicas do que sobre os governos, os museus, que abordam as culturas artística e científica, devem ser espaços de debate e desenvolvimento de comunidade (Bergeron & Rivet, 2021, p. 16).

Na área da teoria da conservação o pensamento pós-colonial também surge. Para o entender é importante analisar a teoria da conservação ocidental, que tem as suas origens no desenvolvimento de doutrinas iluministas baseadas na capacidade humana de compreender o mundo material (Sully, 2007, p. 31). De acordo com Renata Peters (2020), investigadora na área de arqueologia, o foco científico que dominou a prática de conservação no século XX ainda funciona como a sua base, tornando a conservação mais complexa uma vez que os conservadores atualmente utilizam o processo científico para conservar o material, procurando respeitar a história e as suas camadas de significado no passado,

⁴ Yves Bergeron é investigador nas áreas de museologia e património e Michèle Rivet é vice-presidente do Conselho de Administração do Museu Canadiense dos Direitos Humanos.

presente e futuro (Peters, 2020, p.11). A autora acrescenta que, embora as noções de “neutralidade” tenham sido desconstruídas nas últimas décadas, ainda são aplicadas para justificar algumas abordagens na conservação (Peters, 2020, p. 11). Peters analisa os conceitos de intenção artística, reversibilidade, intervenção mínima e condição, e o modo como esses conceitos são, para alguns, expectativas de verdade ou neutralidade (Peters, 2020, p. 11-15). No entanto, de acordo com a autora, ao abordarmos esses conceitos, é importante termos em conta que as noções de verdade e/ou neutralidade podem influenciar a interpretação dos mesmos (Peters, 2020, p. 15). A autora acrescenta ainda que estes conceitos e princípios podem ter origem em alguns teóricos, como por exemplo, Viollet-le-Duc, Ruskin, Brandi, e na crença de que a conservação deve atingir a verdade, uma vez que é baseada em métodos científicos (Peters, 2020, p. 15). No entanto, Peters (2020, p. 15) afirma que é ilógico acreditar que o processo de conservação pode atingir a verdade objetiva incorporada nos objetos sem interferir com a mesma. A autora conclui afirmando que as ações de conservação têm o poder de se materializar e comunicar escolhas, e podem ser influenciadas por contextos sociopolíticos que vão além dos da instituição (Peters, 2020, p. 15).

Considerando as contínuas práticas coloniais na academia e no património, conforme exposto até agora, Sully (2007) propõe a “descolonização” do património e, conseqüentemente, da sua conservação. O autor define este processo como o questionamento da herança colonial e das suas consequências e o reconhecimento de narrativas e modos de compreensão alternativos (Sully, 2007, p. 25-37). Sully afirma que o processo de conservação pode ser repensado a partir de uma perspectiva que não seja centrada no paradigma eurocêntrico. Refere ainda que as diversas abordagens de conservação oferecem diferentes formas de trabalhar com a preservação do património cultural, mas é importante avaliar os seus impactos sociais e avaliar de que forma estas podem contribuir para o bem-estar das pessoas e para um futuro coletivo (Sully, 2007, p. 238-239). Sully conclui que a conservação não deve ser vista apenas como um fim em si mesmo, mas sim como uma ferramenta para a promoção da justiça social e para a construção de sociedades mais inclusivas e igualitárias (Sully, 2007, p. 238-239). Esta abordagem também envolve democratizar a conservação, ou seja, envolver uma gama mais ampla de pessoas na definição do que é património e como deve ser usado e cuidado, considerando questões de autoridade, controlo partilhado e participação com desenvolvimento de parcerias que proporcionam cuidados a longo prazo (Sully, 2007, p. 25-37).

Concluindo, é fundamental reconhecer e desafiar as práticas coloniais, dando voz a alternativas e trabalhando para promover uma abordagem mais inclusiva e respeitosa do património e das relações interculturais. Isto requer uma reflexão crítica sobre as práticas e crenças enraizadas nas metodologias ocidentais, bem como uma abertura a uma compreensão mais ampla e diversificada do conhecimento e das narrativas culturais. No contexto da conservação ocidental, é essencial a mudança da abordagem para uma prática mais inclusiva e participativa a fim de garantir a preservação e valorização da diversidade cultural. A conservação do património deve ser uma prática inclusiva que promova a diversidade e o diálogo intercultural, em vez de uma imposição unilateral de valores e visões. É importante salientar

que a nova abordagem a seguir não se deve cingir apenas ao aumento da participação das comunidades na tomada de decisão, devendo também abordar o ponto central do património que se pretende conservar, tendo em atenção a comunidade que está conectada a este, e garantindo que esta seja um elemento central na conservação (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). Este processo é mais complexo do que aparenta. Uma vez que há uma tendência para as instituições caírem em hábitos passados de centralização do poder na tomada de decisão, não é suficiente haver apenas um desejo de ambas as partes (comunidades e instituições) de mudar estas metodologias, é também necessário criar mecanismos que garantam que estas novas abordagens se mantêm (Kaine, 2021). Somente assim poderemos caminhar em direção a um futuro mais justo e equitativo, em que as diferenças culturais sejam valorizadas e respeitadas.

Os *Critical Heritage Studies*, ou Estudos Críticos do Património, como área que analisa estas metodologias autoritárias constitui um passo importante para a desconstrução e mudança de paradigma no pensamento sobre o património. Na área da museologia, também se tem desenvolvido a museologia crítica. Levanta-se assim a questão: como e quando se consolidará a área da “conservação crítica”?

2.3 Abordagens participativas na preservação e gestão do património

A metodologia atualmente empregue em instituições, e outras esferas académicas envolvidas na gestão e preservação do património cultural, tem sido criticada por ser autoritária e elitista, negando as perspetivas, experiências e aspirações das comunidades envolvidas. De acordo com Peters (2020), Paulo Freire⁵ e diversos teóricos ligados aos estudos pós-coloniais defendem que a igualdade e a justiça, para as diferentes comunidades, só podem ser alcançadas através de uma abordagem bottom-up participativa (Peters, 2020, p. 7).

Em 2015, o ICCROM publicou "People-Centred Approaches to the Conservation of Cultural Heritage: Living Heritage." O documento destina-se a decisores políticos, praticantes de património e membros da comunidade interessados em aumentar a participação das comunidades através de abordagens de gestão e preservação de património centradas nas pessoas (*people-centred approaches*). É relevante salientar que o termo *People-Centred Approaches* pode ser redutor pois não se limita apenas aos seres

⁵ Paulo Freire foi um educador brasileiro e teórico da pedagogia crítica (Shih, 2018). É conhecido pelo seu trabalho na promoção do diálogo, da consciência crítica e da libertação dos oprimidos através da educação (Shih, 2018). A pedagogia dialógica de Paulo Freire é fundamentada numa abordagem dinâmica e dialética do mundo. Essa abordagem destaca a importância do diálogo entre indivíduos para promover a consciência crítica. Através do diálogo, ocorre uma troca recíproca de ideias, experiências e conhecimento, capacitando os indivíduos a questionar o status quo e a desafiar sistemas opressores (Shih, 2018).

humanos, mas sim a uma visão pós-humanista mais abrangente. Esta vertente de estudo reconhece a interconexão e a interdependência de todos os seres vivos e sistemas, levando em consideração não apenas as necessidades humanas, mas também o bem-estar e a harmonia com o meio ambiente e outras formas de vida.

Os autores do documento, Sarah Court e Gamini Wijesuriya, arqueóloga e investigador em arqueologia e gestão do património, respetivamente, afirmam que embora as contribuições individuais para o património sejam significativas, muitas vezes é mais apropriado trabalhar com grupos de pessoas ou comunidades (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). Uma abordagem centrada nas pessoas aproveita as diferentes capacidades e interesses de cada comunidade para garantir a conservação e gestão do património cultural em benefício do património e da comunidade (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). Para a sua aplicação, Court e Wijesuriya salientam que esta abordagem procura identificar problemas e corrigi-los, abordando a componente central da gestão do património, que são as pessoas conectadas a este, para garantir que sejam um elemento integral da conservação do património cultural (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3).

Esta abordagem também proporciona inúmeros benefícios. Ao tornar as comunidades mais fortes criam-se oportunidades que contribuem para a melhoria da saúde e bem-estar, aumento da inclusão social e encorajamento para a participação no processo democrático (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). Court & Wijesuriya (2015) também salientam os benefícios que esta abordagem apresenta para o património. Neste contexto o património não é tratado como uma entidade isolada, mas visto como tendo o potencial de desempenhar um papel ativo nas comunidades e trazer benefícios para todos (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). O envolvimento das comunidades também fortalece a sua capacidade de participação significativa no processo de tomada de decisões para elas e para o património a que estão ligadas (Court & Wijesuriya, 2015, p. 3). Também é relevante destacar o papel do conservador e a sua prática. De acordo com Peters (2020) a conservação pode trazer oportunidades para abordar injustiças e facilitar a interação entre indivíduos e comunidades. Assim, é essencial que os conservadores continuem a criar espaços para o debate de métodos que possam abrir novas fronteiras (Peters, 2020, p. 1). Além disso, os conservadores trabalham com diversas disciplinas e por isso têm maior facilidade para desencadear diálogos que afetam ações de conservação assim como dinâmicas de poder (Peters, 2020, p. 23). Peters acrescenta que a tomada de decisão na conservação é multidisciplinar e central para definir como se pode aceder aos objetos, interpretá-los e usá-los e por isso os conservadores são capazes de facilitar o envolvimento das comunidades (Peters, 2020, p. 7). Assegurar que as opiniões e desejos de todos os interessados sejam incluídos no processo de tomada de decisão pode ser um desafio, no entanto, Peters (2020) afirma que é fundamental assegurar que todas as vozes envolvidas sejam consideradas antes das decisões serem tomadas. A autora destaca que o processo da conservação também nunca termina, os agentes de deterioração nunca param de mudar e os valores associados ao material cultural nunca param de evoluir, concluindo que uma abordagem participativa enfatiza a necessidade de avaliação e reflexão constantes sobre o que está sendo pensado e feito e que

todos os diferentes grupos envolvidos na investigação se mantêm envolvidos em todas as etapas do processo, e não apenas os “especialistas” (Peters, 2020, p. 23). O método não se limita a questionar as pessoas sobre suas opiniões, mas também procura capacitá-las para formular as suas próprias ideias através da reflexão e do diálogo (Peters, 2020, p. 18). Peters conclui que o diálogo é uma ferramenta essencial para o fortalecimento dos indivíduos (Peters, 2020, p. 18).

Para que esta metodologia de envolvimento comunitário seja efetiva, Court & Wijesuriya (2015) afirmam que é necessário que a comunicação seja contínua e aberta entre os diferentes grupos envolvidos. Os decisores e formuladores de políticas podem desempenhar um papel fundamental na aplicação deste método, através da promoção do diálogo com as partes interessadas, da alocação de recursos destinados ao desenvolvimento de competências na área do envolvimento comunitário e da garantia de que o financiamento para projetos relacionados com o património permita a consulta e a participação da comunidade (Court & Wijesuriya, 2015, p. 6). Já os profissionais envolvidos podem avaliar o sistema de gestão existente, envolver as comunidades na identificação e interpretação do património, definir ações de gestão conjuntas e partilhar recursos (Court & Wijesuriya, 2015, p. 6). Por fim, os membros da comunidade podem sugerir e organizar iniciativas relacionadas com o património, participar na tomada de decisão e partilhar conhecimento (Court & Wijesuriya, 2015, p. 6).

Existem já diversas iniciativas participativas na preservação e gestão do património cultural. Uma dessas metodologias, frequentemente mencionada na literatura e reconhecida pela UNESCO como uma ferramenta crucial na preservação dos bens culturais, é o *Cultural Mapping* ou mapeamento cultural (Cook & Taylor, 2013, p. 31). De acordo com Ian Cook, antropólogo, e Ken Taylor, investigador na área do património e de estudos museológicos, esta metodologia envolve a participação ativa das comunidades locais no processo de identificação, documentação, exploração e partilha de informações relacionadas a pessoas, comunidades, locais e práticas culturais, ou seja, de elementos tangíveis ou intangíveis (Cook & Taylor, 2013, p. 31). Por meio destas atividades, as comunidades têm a oportunidade de mapear e documentar as suas próprias tradições, práticas e histórias, o que pode contribuir para a promoção da sua dignidade, inclusão social e desenvolvimento turístico sustentável, entre outros benefícios. Em termos práticos, *cultural mapping* é uma metodologia que envolve a gravação de dados utilizando uma variedade de técnicas, como recursos genealógicos, arqueológicos, musicológicos, entre outros. Este método é importante dado que permite a recolha de informação e a prática de respostas a problemas levantados (Cook & Taylor, 2013, p. 34). O *cultural mapping* ajuda assim a identificar os valores culturais, a estrutura de poder e o nível de discurso de uma sociedade, que define os fatores culturais (Cook & Taylor, 2013, p. 34).

Embora haja um reconhecimento cada vez maior relativamente à importância de implementar abordagens participativas no âmbito do património cultural, nem sempre tais métodos são efetivamente

aplicados pelas instituições. Elizabeth Kaine (2021), curadora indígena da nação Wendake, conta a sua experiência quando colaborou na produção de uma exposição. A autora explica que ao longo dos mais de dois anos em que esteve envolvida na produção de uma exposição, em consulta com comunidades indígenas, estabeleceram-se relações, recolheram-se mais de 2000 páginas de informação, 250 horas de material de vídeo e envolveram-se no processo quase 200 pessoas (Kaine, 2021, p. 122). Contudo, quando chegou o momento de avançar com a exposição, o museu rejeitou grande parte do trabalho anteriormente desenvolvido: o documento apresentado na fase de conceção não considerou os temas expressos durante a consulta com as comunidades e dos 300 objetos escolhidos por estas, somente 30 foram exibidos e nenhum dos testemunhos escritos foi utilizado. A instituição teve problemas com o uso do pronome "nós" nos textos da exposição, que vieram a ser rejeitados pela direção do museu (Kaine, 2021, p. 123). No final, a exposição não correspondeu às expectativas das pessoas que participaram da consulta e Elizabeth Kaine enfrentou uma situação problemática quando alguns participantes não reconheceram sua contribuição para a mostra (Kaine, 2021, p. 123). A curadora enfatiza que os projetos colaborativos exigem frequentemente vários anos para serem concretizados e, por isso, é crucial que se garanta a relevância contínua do conteúdo original ao longo desse tempo e o respeito pelas decisões tomadas (Kaine, 2021, p.121).

O caso de estudo aqui apresentado ilustra o que a literatura destaca em relação às abordagens participativas. Existem diversas iniciativas que procuram incluir e dar voz aos diversos grupos na tomada de decisão, porém a sua efetividade varia de acordo com o contexto, objetivos, métodos e recursos disponíveis na conservação do património (Peters, 2020, p. 2). Peters (2020) conclui que é fundamental estabelecer parcerias a partir de uma discussão aberta sobre as expectativas de cada grupo envolvido, considerando sempre a possibilidade de adaptação das suas expectativas ao longo do processo.

Em suma, as metodologias participativas têm sido amplamente reconhecidas como fundamentais para a conservação do património, enfatizando-se a importância de considerar a comunidade como um todo, incluindo os seus sistemas de conhecimento tradicionais. Além disso, é relevante destacar os benefícios que o património pode oferecer à sociedade e amplificar a sua voz nacional e internacionalmente de modo a promover abordagens participativas e o questionamento das estruturas e dinâmicas de poder que condicionam a preservação, gestão e fruição do património.

Embora não exista um método simples para alcançar os benefícios que essa abordagem traz, existem muitos exemplos de iniciativas participativas bem-sucedidas que podem ser adaptados e aplicados em diferentes contextos (Court & Wijesuriya, 2015, p. 6). A implementação destas práticas é fundamental para garantir a preservação do património para as gerações presentes e futuras.

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Contexto de trabalho

Tal como foi mencionado na introdução, a investigação para este trabalho foi desenvolvida na Trafaria no âmbito do projeto europeu T-Factor, que visa explorar a regeneração urbana a partir de elementos culturais e sociais. Ao longo do trabalho, colaborou-se com o *Laboratório de Memórias*, uma iniciativa da Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria que desempenha um papel central na nossa pesquisa, desenvolvendo atividades participativas para a conservação e gestão do património. Ao mergulharmos nas especificidades da Trafaria e nas atividades das suas comunidades, foi possível compreender melhor a localidade. Além disso, permitiu aprofundar conceitos e teorias expostos pela literatura.

3.1.1 *Laboratório de Memórias*

No contexto deste trabalho, a colaboração com o *Laboratório de Memórias* desempenhou um papel crucial. Esta iniciativa representa uma ponte vital entre a comunidade local e o seu património. Ao resgatar e preservar memórias relacionadas com as pessoas e o local por meio da partilha de histórias e imagens, o *Laboratório de Memórias* não apenas enriquece o conhecimento sobre a história e cultura da sua comunidade, mas também da sua própria identidade. A colaboração com este grupo, permitiu explorar a memória coletiva da Trafaria e contribuiu para a criação de um discurso cultural mais inclusivo e participativo, além disso foi uma base para investigar o papel do património na comunidade assim como abordagens participativas.

O *Laboratório de Memórias* é uma iniciativa da EDA- Ensaios e Diálogos Associação e da Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria, que teve início em 2014, aberta à população local, que ocorre mensalmente no espaço cultural da Trafaria. O principal objetivo deste “laboratório” é resgatar e preservar memórias relacionadas com as pessoas e o local através da partilha de histórias e imagens. Nestes encontros mensais, o grupo, que conta com cerca de 10 participantes regulares, reúne-se para compartilhar as suas memórias e experiências, sendo o diálogo o veículo central para essa partilha.

Todas as conversas, desde 2014 têm sido gravadas e armazenadas digitalmente. Durante esta partilha são também utilizados diversos recursos visuais, como fotografias, vídeos, documentos e outros objetos. Desde o seu começo, a iniciativa tem reunido uma vasta quantidade de memórias que, embora registadas no arquivo da biblioteca, ainda não tinham sido estudadas ou trabalhadas. As conversas são moderadas por Mariana Vargues, animadora e produtora sociocultural da Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria, e os temas variam conforme os objetivos definidos pelo grupo. Atualmente, o grupo está a trabalhar no tema das praias da Trafaria e pretende fazer uma publicação de modo a preservar e a divulgar as suas memórias.

Para se compreender os objetivos desta iniciativa é importante considerar o seu contexto e o que levou à sua origem. Tudo começa com a EDA - Ensaios e Diálogos Associação. A EDA é um coletivo internacional e transdisciplinar com indivíduos de diversas áreas, que experimenta formas alternativas de intervenção através da cultura, arte e arquitetura (Papa et al., 2023). Em 2013 iniciaram o projeto conhecido como Casa do Vapor, situado na região da Cova do Vapor. Concebido como um projeto arquitetónico efémero e de autoconstrução, o objetivo da *Casa do Vapor* era estabelecer-se como uma residência criativa e incubadora de projetos, aberta a uma ampla gama de iniciativas culturais (Papa et al. 2023). A sua construção e posterior desmontagem contaram com a dedicação e envolvimento de mais de uma centena de voluntários provenientes de diversas áreas profissionais e localidades distintas (Papa et al. 2023). Como resultado direto desse empreendimento, outros 17 projetos foram concebidos e executados, destacando-se, entre eles, a construção da Biblioteca do Vapor (Papa et al. 2023). Após a conclusão da Biblioteca do Vapor, a EDA propôs a realização de um projeto semelhante no centro da Trafaria, ocupando o espaço acima do Mercado Municipal da vila. Assim, em 2014, deu-se início ao projeto que viria a ser conhecido como a Biblioteca da Trafaria. Uma das motivações do projeto foi gerar práticas alternativas, promovidas através da cooperação e capacitação da comunidade da Trafaria (EDA, 2014). Inicialmente, foram promovidas atividades públicas nas ruas, com o intuito de atrair e envolver a comunidade na construção do espaço, incluindo uma oficina de carpintaria aberta à participação de todos os interessados (Vargues, 2023). Uma das atividades desenvolvidas para promover a participação da comunidade foi o *(Re) Descobrir a Trafaria* (Papa, 2023). Este projeto procurava trabalhar na revitalização do território através da promoção da memória local e do desenvolvimento da comunidade (Papa, 2015). Assim, propunha recontar a história de uma comunidade através dos seus edifícios mais simbólicos e significativos, com o objetivo de valorizar novamente o território e promover um sentimento de pertença na comunidade (Papa, 2015). O projeto incluiu a reconstrução destes edifícios com a ajuda de arquitetos e a recolha de memórias das pessoas que os experienciaram (Papa, 2015) Quando este projeto terminou, a biblioteca da Trafaria optou por lhe dar continuidade sobre o nome de *Laboratório de Memórias* (Papa, 2023).

3.1.2 Trafaria

A Trafaria é uma antiga vila de pescadores, situada na margem sul do rio Tejo, no concelho de Almada (Barroso et al, 1982). De acordo com Carlos Leal, historiador local, devido ao seu isolamento geográfico e social, a Trafaria sempre se terá destacado pelo seu distanciamento dos principais centros de atividade da margem norte do rio Tejo, em Lisboa. Os acessos eram limitados, seja pelo rio ou por caminhos terrestres íngremes. Esta falta de conexão com os principais eixos de transporte terá resultado num isolamento frequente da Trafaria, sendo esta frequentemente negligenciada pelas autoridades municipais e governamentais (Leal, 2014, p. 58).

De acordo com *Journeys to the In-Between – Caminhadas especulativas*⁶, em 1565, deu-se a construção do primeiro edifício da Trafaria, adjacente à estação fluvial existente. D. Henrique caracterizou esta zona como uma região de dificuldades e hostilidade, o que a tornava um local propício para a construção de uma estrutura específica: um lazareto (Journeys to the In-between, 2021). Esta instituição, funcionava como uma estação de inspeção sanitária e aduaneira para os navios que almejavam atracar no porto de Lisboa. Indivíduos provenientes de outros locais eram retidos na Trafaria antes de receberem permissão para entrar na capital. Por volta do século XVIII o lazareto passou a funcionar como uma instituição prisional. No início do século XX, ocorreu a demolição e reconstrução da maioria das estruturas do antigo presídio. Durante os anos que se sucederam, até a implantação da República, o presídio passou a abrigar também figuras da oposição. Posteriormente, tornou-se oficialmente uma prisão política destinada a militares e civis. Ao longo do tempo, o edifício do presídio assumiu diversas funções: fortaleza militar, lazareto, unidade para secagem de bacalhau, fábrica de peixe, sede de uma associação cultural e potencial centro universitário (Journeys to the In-between, 2021)

Leal afirma que outra particularidade da Trafaria foi a sua atividade balnear sazonal que contribuiu para o aumento da atividade económica, social e cultural na vila. O comércio desenvolveu-se, com a locação de casas para os banhistas, proporcionando uma fonte adicional de renda para os habitantes locais (Leal, 2014, p. 112). Em 1901, foram iniciadas as primeiras viagens regulares de transporte de passageiros entre a Trafaria e Lisboa (Leal, 2014, p. 112). Segundo o mesmo autor, além disso, havia colónias balneares que vinham à Trafaria só para aprender a nadar e os veraneantes traziam consigo os seus costumes e organizavam eventos e atividades, conferindo à região um certo cosmopolitismo. Barroso (1982) afirma que mais tarde, a Trafaria tornou-se num ponto de passagem para quem queria ir às praias da Costa da Caparica, uma vez que a construção do terminal cerealífero afastou a atividade balnear da vila.

⁶ *Journeys to the In-Between* são três séries de caminhadas que exploram contatos inesperados na grande Lisboa, questionando dualidades urbanas como centro/periferia, público/privado e caos/ordem, realizadas por Artéria (Ana Jara, Flora Paim e Jessica Lundin) (Jara, A. Paim, F. & Lundin - Journeys to the In-between, n.d.)

Além dos banhos, a pesca também desempenhou e continua a desempenhar um papel fundamental na comunidade trafariense.

Desta forma, a Trafaria é marcada pela sua relevância histórica, desde a sua função nas quarentenas e na defesa militar e presença icónica do Presídio até às atividades ligadas à pesca e aos banhos. A interação entre a sua localização geográfica estratégica, a sua história multifacetada e as influências do turismo balnear moldaram a sua principal identidade ao longo dos séculos.

3.2 Abordagem metodológica: Enquadramento teórico e práticas adotadas

3.2.1 Contextualização teórica das abordagens participativas na preservação do património: da teoria à prática

Como foi dito no capítulo 2, as abordagens participativas na preservação do património têm-se mostrado fundamentais para além da mera conservação material dos bens patrimoniais. Estas baseiam-se em ideias como a democratização, que enfatiza a importância da participação das comunidades nas decisões políticas e na gestão (Sully, 2007, p. 37). De acordo com Court & Wijesuriya (2015), através desta abordagem, procura-se não apenas a preservação física dos bens, mas também a transformação social, o desenvolvimento local e a valorização da diversidade cultural. A participação da comunidade local é um elemento-chave nestas abordagens, reconhecendo-se que esta possui um conhecimento e uma relação íntima com o património, sendo fundamental envolvê-la nas decisões e ações relacionadas com a sua preservação e gestão. Esta participação não apenas fortalece o sentimento de pertença e identidade, mas também contribui para a gestão mais efetiva e sustentável do património.

O conceito de abordagem participativa é relativamente recente na área do património. Apesar de existirem alguns estudos que remontam a 10 anos, como por exemplo Sully (2007), poucos avanços aparentam ter sido feitos. No entanto, há outras áreas que têm estudado e aplicado abordagens participativas há mais tempo, como é o caso da Investigação-Ação Participativa. De acordo com a antropóloga Andrea Dyrness, a Investigação-Ação Participativa é um modelo para conduzir investigação e gerar conhecimento, centrando-se na convicção de que aqueles que são mais impactados pela pesquisa devem ser os responsáveis por liderar a formulação de questões, o desenho, os métodos e os modos de análise desses projetos de investigação (Dyrness, 2011, p. 203).

Na literatura, são definidas algumas ferramentas específicas para a implementação de abordagens participativas, como por exemplo, o mapeamento cultural, como exposto no Estado da Arte. Outras

ferramentas podem ser grupos de foco, o método *World Café*, caminhadas, o *Teatro do Oprimido* e o *Photovoice*. Todas estas ferramentas se complementam e algumas são semelhantes entre si a nível de objetivos e metodologias de aplicação. Além disso, a sua execução não se cinge ao património, uma vez que muitas destas iniciativas são referidas em estudos de participação democrática na política, na área da investigação-ação participativa, na saúde e no ambiente. Não existe um manual que se possa seguir que explique cada passo e como cada iniciativa deve ser levada a cabo. A própria premissa de abordagem participativa não o permite, uma vez que estará dependente dos desejos, vontades e necessidades das comunidades e por isso cada abordagem deve ser adaptada ao contexto em que se insere. A literatura aponta, no entanto, uma série de iniciativas que podem facilitar a aplicação destas abordagens e que procuram reunir opiniões diversas, criar espaços acolhedores para o diálogo, explorar questões relevantes, encorajar a contribuição de todos e promover a conexão de perspetivas diversas. Além disso, possibilitam a identificação de tendências, padrões e perceções com base nas discussões e análises sistemáticas. Ao adotar estas abordagens, é possível obter uma compreensão mais completa das necessidades, desejos e preocupações das comunidades, permitindo o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e inclusivas para a preservação do património e a promoção de mudanças sociais. A maior parte destas iniciativas são propostas noutras áreas fora do património pelo que é importante destacar a importância do cruzamento entre as mesmas para beneficiar-se dos seus avanços e assim garantir a interceção dentro das várias esferas de uma comunidade.

3.2.2 Metodologia e abordagens aplicadas

A metodologia seguida neste estudo abrangeu várias etapas que contribuíram para alcançar os objetivos específicos estabelecidos. Inicialmente, foi realizado um estudo abrangente da vila da Trafaria, permitindo obter uma visão mais alargada do contexto em que o trabalho seria desenvolvido. Este estudo, com base em livros de historiadores locais e na documentação do arquivo da biblioteca da Trafaria incluiu uma análise dos principais símbolos, história e comunidade, que está resumida no capítulo introdutório dedicado à localidade. Em seguida, em setembro de 2022, participei pela primeira vez num encontro mensal do *Laboratório de Memórias*, onde apresentei o meu trabalho e tive oportunidade de conhecer as pessoas envolvidas e compreender a dinâmica do grupo e dos encontros (Figura 1).



Figura 1- Encontro do *Laboratório de Memórias* em setembro de 2022 (jf-caparica-trafaria, 2022).

Realizámos uma análise do arquivo do *Laboratório de Memórias* com o objetivo de compreender o trabalho já desenvolvido, os temas abordados e as memórias documentadas. Este estudo do arquivo permitiu identificar os principais temas abordados pelo grupo e complementar a pesquisa sobre a Trafaria a partir da perspetiva desta pequena comunidade. Em conjunto com o grupo selecionámos o tema dos comércios da Trafaria para aprofundar a recolha e documentação de património intangível, através da aplicação de várias iniciativas visando posteriormente a sua integração no museu comunitário. Selecionou-se este tema, uma vez que era transversal e aberto à comunidade da Trafaria, permitindo assim documentar património da memória coletiva da Trafaria.

Os encontros mensais subsequentes focaram, assim, o estudo dos comércios. Durante estes encontros, projetámos numa tela imagens das ruas da Trafaria e os participantes partilharam as suas memórias à medida que "percorriam" as ruas digitalmente utilizando o *Google Maps*. Os participantes também trouxeram objetos relevantes para o estudo, como fotografias e livros. Durante o trabalho, percebeu-se que o tema dos comércios era vasto, por isso o grupo definiu as principais ruas a serem estudadas, bem como outros comércios relevantes fora dessas áreas.

Para complementar o trabalho de recolha de memórias partilhadas e conhecer melhor os participantes, realizaram-se entrevistas individuais (Apêndice A.1 Guião genérico das entrevistas), o que permitiu aprofundar algumas questões e esclarecer dúvidas sobre o trabalho realizado.

Subsequentemente, realizámos visitas de campo, seguindo a sugestão do grupo durante um dos encontros mensais. Foram efetuadas duas visitas: uma pelas ruas da Trafaria e outra ao mercado municipal. Durante a visita pela vila, foi definido um percurso que incluía as principais ruas comerciais (Apêndice A.2 Trajeto da visita de campo), enquanto os participantes partilhavam memórias relevantes, como o nome dos estabelecimentos, os proprietários e as suas funções. As conversas durante essa visita

foram gravadas e posteriormente registadas num documento *Excel* e num mapa da Trafaria (Apêndice A.3 Registo de memórias dos comércios da Trafaria e Apêndice A.4 Mapeamento dos comércios). Depois, as memórias documentadas foram partilhadas com os participantes para revisão e complementação de informação. Parte deste trabalho com o *Laboratório de Memórias* e com o seu arquivo foi a consulta das gravações áudio se encontros passados e a elaboração de “fichas de áudio” (Apêndice A.5 Ficha de áudio (exemplo)) que sumarizavam esses encontros.

Além das iniciativas mencionadas, também participei noutras atividades na Trafaria que não estavam diretamente relacionadas com o trabalho prático, mas proporcionaram experiência e conhecimento sobre a comunidade e as abordagens participativas. Entre essas iniciativas, destaca-se o T-Mapping, um evento realizado no antigo presídio da Trafaria pela EDA e pela Universidade Nova de Lisboa, como parte do projeto T-Factor. O objetivo do evento foi reunir a equipa do T-Factor da Universidade Nova de Lisboa, composta por professores, investigadores e estudantes, com a população jovem-adulta da Trafaria, para promover sinergias e aumentar o impacto dos projetos no território (t-factor, 2022). Este evento, composto por 13 atividades no total, envolveu um processo de envolvimento comunitário que começou meses antes, com reuniões de mediação com vários grupos locais, e utilizou a comunicação interpessoal para incentivar a participação da população na partilha de materiais exibidos no evento (t-factor, 2022). Nesta iniciativa participei como investigadora numa reunião de mediação com a população do 2º Torrão e auxiliei na receção dos participantes do evento.

Outra iniciativa relevante foi o evento de celebração dos 10 anos da EDA, que ocorreu ao longo de duas semanas no antigo presídio da Trafaria e incluiu cerca de oito workshops, abrangendo desde cozinha circular até à construção de oficinas artísticas. Nesta iniciativa juntei-me à equipa da EDA, dando assistência na receção dos participantes, na gestão do evento e de alguns workshops.

Ao adotar as abordagens participativas na metodologia deste estudo, foi possível estabelecer uma ponte entre a teoria apresentada anteriormente e a prática da preservação do património. O *Laboratório de Memórias*, enquadra-se nas iniciativas do *World Café*⁷ e dos grupos de foco⁸. As visitas de campo

⁷ O método do *World Café* é uma ferramenta amplamente utilizada como método participativo em processos de participação e mudança organizacional (Löhr et al., 2020). É utilizada para orientar a exploração e verificação de temas, facilitar o diálogo e a aprendizagem mútua, e motivar a participação e as respostas (Löhr et al., 2020). A sessão é moderada por uma pessoa e tem a duração de 90 minutos, não sendo usadas gravações de áudio (Löhr et al., 2020).

⁸ Os grupos de foco têm como principal finalidade obter uma compreensão mais profunda de como as pessoas pensam e sentem sobre determinado assunto, ideia ou serviço (Krueger & Casey, 2015). Os participantes são selecionados tendo em consideração características compartilhadas que se relacionam com o tema do grupo (Krueger & Casey, 2015). O moderador cria um ambiente seguro que encoraja os participantes a compartilhar percepções e pontos de vista sem pressioná-los a chegar a um consenso. A discussão em grupo é assim conduzida várias vezes pelos participantes. Depois, procede-se a uma análise cuidadosa e sistemática das discussões, que fornece informação sobre como uma ideia ou assunto é percebido pelos membros do grupo (Krueger & Casey, 2015).

foram muito semelhantes às caminhas em transecto que posteriormente resultaram no mapeamento cultural.

REFLEXÃO E DISCUSSÃO: A TRAFARIA COMO CASO DE ESTUDO PARA INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

4.1 O papel do património na construção de identidades culturais

De acordo com Laurajane Smith (2006), a literatura reconhece a ligação entre património e identidade, onde a cultura material oferece uma base tangível para expressar e representar o conceito efêmero de "identidade". (Smith, 2006, p. 48). No entanto, a autora afirma que a interação entre identidade e património é uma área que muitas vezes não é explorada profundamente. Assim, as experiências identitárias que ocorrem nos locais de património são frequentemente assumidas, mas não são estudadas minuciosamente (Smith, 2006, p. 48). Essa lacuna na investigação ressalta a necessidade de uma análise mais aprofundada das complexidades das identidades. Segundo a autora, uma comunidade ou um indivíduo não possuem uma única identidade, uma vez que estas são complexas e multifacetadas. Assim, o indivíduo pode pertencer a várias identidades e comunidades, e o património pode ser utilizado para construir, validar ou contestar essas identidades. Além disso, as construções de identidade muitas vezes não se baseiam em elementos monumentais, mas sim nos aspetos quotidianos e banais da cultura (Smith, 2006, p. 53).

Laurajane Smith (2006) expõe um caso que experienciou quando algumas mulheres da comunidade Waanyi a abordaram e a outros colegas para os convidarem a participar num projeto que estavam a desenvolver. Esse projeto tinha como objetivo levar as suas preocupações sobre o seu património e os locais dos quais eram guardiãs culturais para a agenda de gestão de terras locais. Segundo a investigadora, esta comunidade não tinha recebido a devida atenção por parte das organizações

governamentais. Smith, concluiu assim que por ser investigadora e a trabalhar com outros especialistas, o projeto ganharia maior notoriedade por parte dessas mesmas organizações (Smith, 2006, p. 48). Durante o projeto, quando se estava a registar locais patrimoniais da comunidade, uma grande parte do tempo de trabalho consistiu no registo de histórias orais. Smith concluiu que estas histórias, não tanto os locais físicos, tornaram-se o elemento de foco do projeto. Este processo de registo de histórias foi um processo de gestão de património, uma vez que a gestão de património não estava relacionada apenas com a preservação de locais materiais, mas também com a preservação e transmissão das histórias e narrativas que eram culturalmente significativas para a comunidade e com o passar destas para as gerações mais novas destas mulheres, o projeto tornou-se um ato de património (Smith, 2006, p. 46). Assim, o património não eram os locais em si, mas sim o ato de passar conhecimento culturalmente correto. No entanto, Smith não desvaloriza estes locais e salienta que estes desempenham um papel importante ao fornecer contexto, cenário e um senso de ocasião para os que transmitem e/ou recebem significado cultural, conhecimento e memórias. Este projeto revelou que o património não é apenas sobre os locais físicos, mas sobre a transmissão de conhecimento e narrativas que moldam identidades culturais através da tradição oral.

O trabalho desenvolvido na Trafaria apresenta vários pontos de convergência com a experiência exposta por Laurajane Smith. Apesar do foco do *Laboratório de Memórias* ter sido a documentação dos comércios da vila, uma grande parte do trabalho consistiu no registo de histórias orais, muitas destas não estando aparentemente ligadas ao tema central dos comércios. Esta particularidade, especialmente no início do trabalho, dificultou a documentação do tema de foco, uma vez que o estudo se estava a realizar de forma muito restrita e objetiva. Por exemplo, procurava-se documentar as datas dos comércios, a localização exata, os nomes dos proprietários, o tipo de comércio, etc. Esta metodologia, apesar de ter permitido recolher documentação relevante sobre o tema, não estava a documentar de forma correta o património desta comunidade. Efetivamente, estes espaços físicos e estes dados concretos são importantes, e como Laurajane Smith expõe, fornecem contexto e materializam a memória, mas as memórias em si que esta partilha destes espaços são igualmente património. Isso pode ser a memória que têm sobre alguém que vivia num apartamento por cima desse comércio ou a importância que esse comércio teve na comunidade. É ainda importante ressaltar a importância do *Laboratório de Memórias* não só enquanto espaço para documentação, mas acima de tudo como espaço de partilha e convergência de memória. Os participantes partilham as suas histórias e complementam-nas com as histórias dos outros. Apesar de terem vivido na mesma vila, cada membro tem uma história de vida muito distinta e específica possivelmente relacionada com fatores como classe social, geração, profissão, etc. Assim, o momento de partilha e passagem de conhecimento que ocorre no *Laboratório de Memórias* é de extrema importância para esta comunidade na aquisição de conhecimento sobre a vila e assim na construção e renegociação da sua própria identidade. Este momento, é assim, tal como exposto no caso prático de Smith, um ato de património.

Dos problemas identificados ao longo do trabalho com o *Laboratório de Memórias* e que surge com frequência nos encontros são as mudanças que ocorreram ao longo das décadas na vila. Muitos dos locais das memórias dos participantes mudaram, mas o maior problema foi como a comunidade mudou. As alterações ocorreram devido a uma série de fatores. Um dos frequentemente mencionados foi a construção dos silos da *Silopor*, que, tal como foi mencionado no capítulo sobre o contexto da Trafaria, afastou o turismo balnear e também transformou a paisagem. Outro fator foi a chegada das grandes superfícies comerciais que substituíram o comércio local devido à sua comodidade e prática de preços mais baixos. O resultado observado neste conjunto de fatores, e noutros, foi a prevalência de uma comunidade distante, estranha e desconfiada (Oliveira, F., 2023). Este acontecimento teve um forte impacto nos participantes do *Laboratório de Memórias*. Através dos encontros é possível perceber a tristeza que sentem por a comunidade, e conseqüentemente a identidade da Trafaria, ter “morrido”. Nas entrevistas individuais realizadas este sentimento intensificou-se com participantes a emocionarem-se quando relatavam as diferenças que existem entre o passado e o presente nas relações entre os indivíduos e como isso afeta o seu dia-a-dia.

Segundo Sara McDowell (2008), investigadora com foco na dinâmica espacial dos conflitos e na construção da paz em sociedades divididas ou em transição, a relação entre identidade e lugar é complexa, destacando-se o sentimento de pertença como elemento fundamental. Um lugar específico torna-se uma extensão da própria identidade quando oferece conforto e familiaridade, refletindo certos traços que definem o indivíduo (McDowell, 2008, p. 38). Além disso, o conceito de 'sentido de lugar' está intimamente associado às 'percepções e crenças socialmente construídas' que tanto indivíduos quanto grupos desenvolvem em relação a um local específico (McDowell, 2008, p. 38). Essa conexão entre identidade e lugar é de extrema importância na compreensão da relação entre indivíduos e o ambiente ao seu redor (McDowell, 2008, p. 38).

De acordo com Cook e Taylor (2013), o entendimento do património cultural intangível trouxe uma mudança significativa na abordagem ao património. Este reconhece que o valor não reside apenas em elementos tangíveis, mas também nas expressões vivas e tradições transmitidas ao longo do tempo. Este reconhecimento ressalta a importância da diversidade cultural e reforça a noção de que o património é dinâmico e mutável (Cook & Taylor, 2013, p. 19).

Concluindo, o património desempenha um papel complexo na construção e negociação de identidades culturais. Vai além de locais ou objeto físicos, envolvendo relações, processos culturais e narrativas sobre o passado, presente e futuro. A relação entre património, memória e identidade é intrincada e multifacetada, e as construções identitárias são frequentemente políticas e territoriais. A compreensão do património como um processo dinâmico, inclusivo e capaz de fortalecer comunidades é essencial para uma abordagem contemporânea da construção, interpretação e preservação de identidades culturais.

4.2 Participação e envolvimento da comunidade na preservação do património: relação entre participação e identidade

A participação ativa e o envolvimento das comunidades na gestão e preservação do património cultural desempenham um papel fundamental na construção e fortalecimento da identidade individual e coletiva, bem como no fomento do sentimento de pertença a uma comunidade ou local.

De acordo com Li et al. (2020), para compreender de que forma a participação ativa impacta as identidades individuais e coletivas, é fundamental considerar como os indivíduos exploram as suas raízes culturais. Ao envolverem-se com o património cultural, os indivíduos têm a oportunidade de explorar as raízes da sua história, tradições e valores (Li et al., 2020). Esta exploração proporciona uma compreensão mais profunda e apreciação da sua herança cultural. De acordo com Harvey (2001), investigador na área de Estudos Críticos do Património, esta compreensão mais profunda fortalece o sentido de identidade, uma vez que os indivíduos começam a compreender como a sua própria história se enquadra na narrativa mais ampla do seu grupo cultural.

Enquanto a compreensão do património cultural fortalece a identidade individual, é também importante reconhecer como este processo se traduz num sentimento de pertença coletiva e o papel desempenhado pela participação da comunidade na promoção desse sentimento. Segundo Li et al. (2020), a participação ativa na identificação, proteção e preservação do património proporciona um sentimento de orgulho e pertença à comunidade, uma vez que todos contribuem para a manutenção do património compartilhado. Quando os membros da comunidade se envolvem ativamente na promoção do património cultural, desenvolvem um senso de pertença e conexão uns com os outros, à medida que contribuem para a memória e identidade coletiva do local (Beal et al., 2019). A sensação de responsabilidade para com o património fortalece os laços entre os membros da comunidade, promovendo assim uma identidade coletiva mais forte (Li et al., 2020). No entanto, este fortalecimento pode ter consequências negativas. De acordo com Louis Kriesberg (2003), professor de sociologia, as identidades exacerbadas podem criar conflitos ao intensificar divisões entre diferentes grupos. Quando os indivíduos se identificam fortemente com um grupo específico, ameaças a essa identidade podem ser percebidas como ataques pessoais, o que pode levar a uma tendência para desconfiar ou menosprezar outros grupos, criando conflitos (Kriesberg, 2003). A jornalista conclui que quando as identidades são exageradas e reforçadas de uma forma que desconsidera a humanidade e as perspetivas de outros, isso pode alimentar lutas destrutivas e tornar conflitos mais difíceis de resolver (Kriesberg, 2003).

Assim, é crucial a inclusão de diversas perspetivas e vozes nas decisões relacionadas ao património cultural para evitar a exclusão, como discutido anteriormente no capítulo do Estado da Arte. De acordo com Beal et al. (2019), a inclusão de diversas perspetivas e vozes nas decisões relacionadas com

património cultural é crucial para evitar a exclusão e garantir que todos os membros da comunidade tenham uma oportunidade de contribuir. Além disso, é fundamental compreender como essa inclusão contribui para a interpretação e gestão mais rica do património cultural. Para garantir que a gestão do património cultural seja inclusiva e representativa, a participação das comunidades é essencial. Além de fortalecer a identidade e a coesão social, a participação ativa também tem implicações profundas no desenvolvimento de comunidades resilientes. Segundo Tait et al. (2016) a resiliência comunitária, está diretamente ligada ao envolvimento das comunidades na preservação do seu património. A participação da comunidade enriquece a interpretação e gestão do património cultural ao incorporar o conhecimento local, experiências e valores (Tait et al., 2016). Isso não apenas enriquece a compreensão do património cultural, mas também concede poder aos membros da comunidade, proporcionando-lhes uma sensação de capacitação e agência na preservação do seu património (Li et al., 2020). Ao envolverem-se com o património cultural, as comunidades constroem capital social e fortalecem os seus laços, levando a uma maior coesão social e cooperação (Tait et al., 2016). Além disso, o processo de participação comunitária promove um senso de responsabilidade e cuidado com o património, incentivando práticas sustentáveis e garantindo a sua preservação a longo prazo (Li et al., 2020).

No contexto específico do *Laboratório de Memórias*, os seus diversos momentos de partilha de conhecimento contribuem para o fortalecimento da sua própria identidade. Além disso, devido à história que partilham entre si, também estão a fomentar um sentimento de pertença, criando naquele espaço a sua própria comunidade. Ao longo do trabalho prático tornou-se evidente que a Trafaria passou por mudanças significativas e que algumas pessoas sentem que a vila perdeu a sua essência e identidade. No entanto, é importante salientar que nos momentos em que o grupo se reúne e partilha as suas memórias, está a manter viva essa mesma identidade. Isso foi evidente ao longo dos encontros e em outros momentos.

Em suma, a participação ativa e o envolvimento das comunidades na preservação e gestão do património cultural desempenham um papel vital na construção e negociação de identidades individuais e coletivas, no fomento de um sentimento de pertença e na promoção da coesão social. Ao envolverem-se ativamente com o património cultural, as pessoas têm a oportunidade de contribuir para a preservação e interpretação do seu património compartilhado, capacitando-as e fortalecendo a sua ligação à comunidade. Esta abordagem participativa também garante que diversas perspetivas e valores sejam representados, enriquecendo a gestão e interpretação do património cultural. Além disso, essa participação ativa contribui para o fortalecimento dos laços sociais e para o desenvolvimento de comunidades mais resilientes, que valorizam e protegem a sua herança cultural como parte integrante da sua identidade.

4.3 Desenvolvimento de narrativas inclusivas e diversificadas no património

Narrativas inclusivas no património cultural desempenham um papel vital na sociedade contemporânea. Stephanie Ryberg (2020), especialista em Estudos Urbanos, destaca que, no campo da preservação histórica, há um reconhecimento crescente da necessidade de abordar a diversidade, equidade e inclusão. No entanto, os conservadores do património enfrentam desafios complexos, pois as decisões de preservação são frequentemente políticas, existem injustiças históricas ligadas ao planeamento urbano e a preservação é por vezes vista como elitista e associada à gentrificação. Ryberg (2020) argumenta que para promover uma preservação verdadeiramente inclusiva, é crucial confrontar preconceitos passados, práticas discriminatórias e impactos negativos. Isso requer um compromisso ativo em envolver-se com as comunidades locais e adaptar abordagens às condições e histórias específicas de cada lugar. É fundamental resistir à tendência de valorizar narrativas seletivas do passado que apaguem as histórias de comunidades marginalizadas (Ryberg, 2020).

Em termos práticos, existem várias ferramentas que auxiliam no processo inclusivo. De acordo com Shiri et al. (2021), a narração digital emergiu como uma ferramenta valiosa no contexto das narrativas inclusivas. Bibliotecas digitais e arquivos, por exemplo, são vitais para o design participativo e culturalmente informado de sistemas de narração digital (Shiri et al., 2021). O uso da tecnologia no património cultural apresenta inúmeras oportunidades e desafios. Giglito et al. (2019) expõe que oferece novas formas de preservar e promover o património cultural, alcançando públicos mais vastos e fomentando a inclusão social. Por outro lado, existem desafios relacionados com a acessibilidade, a divisão digital e a garantia de que a tecnologia seja inclusiva e não marginalize ainda mais certas comunidades (Giglito et al., 2019).

Ao longo do trabalho prático desenvolvido na Trafaria, um dos objetivos fundamentais foi promover narrativas inclusivas, permitindo que as vozes e experiências de diferentes membros da comunidade de estudo fossem representadas e valorizadas. Embora o foco central da nossa investigação tenha sido o *Laboratório de Memórias*, foi importante colaborar com diversos membros da comunidade da Trafaria, bem como com sub-comunidades específicas, a fim de obter uma compreensão mais completa e abrangente da vila. Assim, para este trabalho, a participação nos eventos do T-Factor, da Universidade Nova de Lisboa e da EDA, foi de extrema importância para estabelecer uma ponte com outras comunidades.

Os métodos e atividades variados que foram implementados, detalhados no capítulo da metodologia, desempenharam um papel crucial no envolvimento ativo da comunidade na pesquisa e compreensão das suas perspetivas e experiências. Realizaram-se entrevistas, grupos de discussão, visitas de campo

e outras iniciativas participativas que permitiram aos membros do grupo compartilhar as suas histórias, memórias e conhecimentos locais. A recolha de memórias, começada pelo grupo em 2014 e continuada no presente trabalho, terá um novo desenvolvimento com a criação do arquivo digital que abrigará as memórias até agora transmitidas. Este arquivo servirá como um repositório inclusivo de narrativas diversificadas, garantindo que as vozes da Trafaria sejam ouvidas e preservadas para as presentes e futuras gerações. No entanto, como exposto por Giglito et al. (2019), o formato digital apresenta o desafio da acessibilidade. No contexto do *Laboratório de Memórias*, nem todos os participantes têm acesso a um computador ou sabem usá-lo, o que cria uma barreira ao acesso do arquivo que estão a ajudar a construir. Tendo em conta esta limitação, os diferentes participantes propuseram outras possibilidades inclusivas. Entre estas, a publicação de um livro, a realização de exposições e vídeos. Devido às restrições do presente trabalho, estas iniciativas não se poderão concretizar neste contexto, no entanto, o grupo tenciona avançar com a publicação de um livro com o tema dos comércios da Trafaria, perpetuando assim a memória desses estabelecimentos e contribuindo para a preservação da história local. Assim, no final deste trabalho será partilhado com o grupo em formato digital e físico (impresso) o conhecimento até agora partilhado e recolhido. Isso permitirá que os membros tenham um acesso facilitado ao trabalho desenvolvido e, ainda mais importante, os capacitará a iniciar a sua própria iniciativa.

Tal como Ryberg (2020), acreditamos que a procura pela equidade, justiça social e inclusão deve permanecer no centro da agenda da conservação. Os conservadores do património têm o poder de impulsionar avanços em direção a uma sociedade mais justa, iluminando as histórias das comunidades (Ryberg, 2020). Ao abraçar a inclusividade, reconhecendo o passado e envolvendo-se ativamente com as comunidades locais, estes podem transformar o campo da conservação para o bem de todos (Ryberg, 2020). Quanto ao uso de tecnologias, este tem-se mostrado valioso na conservação e gestão do património e valorização de narrativas inclusivas. No entanto, deve-se ter em atenção as suas limitações para não revertermos o objetivo principal do seu uso.

4.4 Considerações finais

Compreendendo a necessidade fundamental de reconhecer e confrontar práticas de exclusão enraizadas no contexto da conservação do património, esta pesquisa enfatizou a importância de uma abordagem mais inclusiva e respeitosa das relações interculturais. A reflexão crítica sobre as metodologias ocidentais tradicionalmente aplicadas na conservação é crucial. Muitas vezes, estas metodologias subjogaram as perspetivas e sistemas de conhecimento das comunidades locais, resultando numa perda significativa de diversidade cultural e na perpetuação de hierarquias de poder. A compreensão diversificada do conhecimento e das narrativas culturais, que abrange o conhecimento tradicional das comunidades, é um passo crítico em direção a uma gestão e conservação justas e inclusivas. Esta mudança de paradigma não se limita apenas à inclusão das comunidades na tomada de decisões; é uma

redefinição completa da centralidade das comunidades no processo de conservação do património. Aqui, é crucial reconhecer o papel dos Estudos Críticos do Património e da Museologia Crítica como agentes de transformação nesse contexto. Estes não começaram a desconstruir as abordagens tradicionais, mas também começaram a delinear um caminho claro em direção a uma conservação mais inclusiva e participativa.

A colaboração com o *Laboratório de Memórias* foi crucial para a compreensão das teorias expostas. A metodologia aplicada no estudo permitiu uma auscultação mais profunda das necessidades, desejos e preocupações da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias eficazes e inclusivas para a preservação do património. A comunidade da Trafaria experienciou mudanças significativas ao longo do tempo, o que afetou as suas relações e identidade coletiva. Por isso, o *Laboratório de Memórias* desempenha um papel vital na documentação, na construção da identidade e no sentimento de pertença da comunidade, proporcionando um espaço para compartilhar histórias e memórias. A documentação das memórias sobre os comércios locais demonstrou que, tal como a literatura apontava, o património não se limita a locais físicos, mas também abrange as memórias e conhecimentos dos indivíduos.

Este trabalho apresentou inúmeros desafios. A colaboração com comunidades locais é complexa pelo que é importante estudar a comunidade e procurar envolver-se com ela de modo a poder compreendê-la, mas também a ganhar a sua confiança. Para isso, o estudo do arquivo da biblioteca, o envolvimento nos encontros mensais e participação nos demais eventos locais foi imprescindível. A par desta particularidade, a gestão de expectativas é uma parte crucial do trabalho com comunidades locais, pois ajuda a construir confiança, evitar desilusões, manter o envolvimento, prevenir conflitos, alocar recursos de forma eficiente, alinhar objetivos e garantir a sustentabilidade a longo prazo dos projetos. Assim, ao longo do trabalho prático foi necessário definir várias vezes limites e objetivos de modo a corresponder às necessidades e desejos do grupo de forma realista perante os recursos disponíveis. Este terá sido um dos maiores desafios devido ao envolvimento emocional dos participantes com alguns dos temas.

Além de reconhecer a importância fundamental da inclusão e respeito nas práticas de conservação do património, é imperativo também destacar o papel crucial da conservação em si. Nesse sentido, reforçamos a importância da conservação do património adotar uma abordagem holística e participativa que considere não apenas a integridade física dos objetos, mas também a realidade, também material, das histórias e narrativas que os envolvem. Os métodos de conservação precisam de ser sensíveis às nuances culturais e históricas de cada comunidade, reconhecendo que o património não é um conceito universal, mas sim uma expressão diversa de identidades. Além disso, é essencial garantir que as práticas de conservação sejam sustentáveis a longo prazo. O que envolve a capacitação das

comunidades para que estas possam assumir um papel ativo na preservação do seu próprio património. À medida que seguimos em direção a uma conservação mais inclusiva e participativa, é fundamental que esses princípios sejam mantidos no centro da sua agenda.

Em última análise, esta pesquisa demonstrou que o património cultural desempenha um papel complexo na construção e (re)negociação de identidades culturais. Neste contexto, este processo de renegociação é dinâmico e em constante evolução pelo qual as identidades culturais individuais e coletivas são reavaliadas, redefinidas e adaptadas ao longo do tempo. Envolve a capacidade das comunidades e indivíduos de revisitar, reinterpretar e ajustar suas as identidades culturais com base em novos conhecimentos, experiências, valores e desafios que surgem na sociedade. Quanto ao património, vai além de locais e objetos físicos, abrangendo relações, processos culturais e narrativas sobre o passado, presente e futuro. A relação entre património, memória e identidade é multifacetada e frequentemente política e territorial. Compreender o património como um processo dinâmico, inclusivo e capaz de fortalecer comunidades é essencial para uma abordagem contemporânea da construção, interpretação e preservação de identidades culturais. Assim, a participação ativa e o envolvimento das comunidades na preservação e gestão do seu património desempenham um papel vital na construção de identidades individuais e coletivas. Isso fortalece laços sociais, promove um sentido de pertença e enriquece a gestão e interpretação do património.

BIBLIOGRAFIA

Association for Critical Heritage Studies. (2012). Manifesto. <https://www.criticalheritagestudies.org/history>

Barroso, J. et al. (1982). Trafaria - A Comunidade e o Recreio. Almada

Beal, et al. (2019). Analysing the Mediating Effect of Heritage Between Locals and Visitors: An Exploratory Study Using Mission Patrimoine as a Case Study. Sustainability, 11(11), 3015–.

Bergeron, Y., & Rivet, M. (2021). Decolonising museology or “re-formulating museology”. ICOFOM Study Series, 49(2), 15-28.

Boal, A. (2004). What is Theatre of the Oppressed.
<https://www.youtube.com/watch?v=PxQ6SsfhiCw&t=1s>

Clout, H. (2018). David Lowenthal obituary. The Guardian. <https://www.theguardian.com/culture/2018/sep/27/david-lowenthal-obituary>

Cook, I. & Taylor, K. 2013. A Contemporary Guide to Cultural Mapping. An ASEAN-Australia Perspective, Jakarta: ASEAN Secretariat.

Court, S. & Wijesuriya, G. 2015. People-Centred Approaches to the Conservation of Cultural Heritage: Living Heritage, ICCROM: Rome, Italy.

criticalheritagestudies. (2023). History. <https://www.criticalheritagestudies.org/history>

Dyrness, A. (2011). Mothers united: an immigrant struggle for socially just education. Minneapolis: University of Minnesota Press.

EDA. (2014). Biblioteca do Vapor- Polo Trafaria. Proposta de workshop e atividades artísticas.

e-da. (2019). EDA - Ensaios e Diálogos Associação. <https://e-da.pt/>

Jara, A. Paim, F. & Lundin, J. - journeys to the in-between. (n.d.). <https://florapaim.com/journeys-to-the-in-between>

jf-caparica-trafaria. (2022) Laboratório de Memórias na Caparica. <https://www.jf-caparica-trafaria.pt/atividades/cultura/1093-laboratorio-de-memorias>

- Gentry, K., & Smith, L. (2019). Critical heritage studies and the legacies of the late-twentieth-century heritage canon. *International Journal of Heritage Studies*, 25(11), 1148–1168.
- Harvey, D. (2001). Heritage Pasts and Heritage Presents: temporality, meaning and the scope of heritage studies. *International Journal of Heritage Studies*, 7(4), 319-338.
- Hooper-Greenhill, E. (2000). Changing Values in the Art Museum: rethinking communication and learning. *International Journal of Heritage Studies*, 6(1), 9-31.
- ICCROM. (2022). Françoise Choay takes centre stage in Conversaciones. <https://www.iccrom.org/news/fran%C3%A7oise-choay-takes-centre-stage-conversaciones%E2%80%A6>
- Kaine, E. (2021). Récit d'une incursion autochtone en territoire muséal. *ICOFOM Study Series*, 49(2), 116-131.
- Kolesnik, A., & Rusanov, A. (2020). Heritage-As-Process and Its Agency: Perspectives of (Critical) Heritage Studies. Social Science Research Network.
- Li, et al. (2020). Community participation in cultural heritage management: A systematic literature review comparing Chinese and international practices. *Cities*, 96(), 102476.
- Macedo, R. (2023). Entrevista presencial, Monte da Caparica, 16 de fevereiro de 2023.
- Oliveira, F. (2023). Entrevista presencial, Trafaria. 12 de abril de 2023.
- Papa, D. (2023). Entrevista presencial, Trafaria. 26 de setembro de 2023.
- Chikkatur, Anita & Oliver, Emily (2023), PAR Participatory Action Research. <https://participatoryaction-research.sites.carleton.edu/about-par/>
- Peters, R. (2020). Conservation and engagement: transforming and being transformed. In: Peters, R. et al. eds. *Heritage Conservation and Social Engagement*, London, UCL Press.
- Shelton, A. (2013). Critical Museology. A Manifesto. *Advances in Research - Museum*, 1(1), 7–23.
- Shih, Y. (2018). Rethinking Paulo Freire's Dialogic Pedagogy and Its Implications for Teachers' Teaching. *Journal of Education and Learning*, 7(4), 230.
- Smith, L. 2021. *Emotional Heritage: Visitor Engagement at Museums and Heritage Sites*, Routledge: New York. pp.1-15.
- Smith, L. 2006. *Uses of Heritage*. Routledge: London

Sully, D. ed. 2007. Decolonising Conservation: caring for Maori meeting houses Outside New Zealand. Left Coast Press, Inc. pp. 19-38.

Tait et al. (2016). (Re)presenting heritage: Laser scanning and 3D visualisations for cultural resilience and community engagement. *Journal of Information Science*, 42(3), 420–433.

t-factor. (2021). WHAT IS THE INSTITUTE OF ART AND TECHNOLOGY AT TRAFARIA?. <https://trafaria.t-factor.eu/>

t-factor. (2022). T-Mapping, putting Trafaria on the map. <https://www.t-factor.eu/t-mapping-trafaria/>

ucl.ac. (2023). Mr. Dean Sully. <https://www.ucl.ac.uk/archaeology/people/dean-s>

Vargues, M. (2023). Entrevista presencial, Trafaria, 22 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE- DOCUMENTAÇÃO DO *LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS*

A.1 Guião genérico das entrevistas

Ao longo do trabalho foram realizadas entrevistas aos membros que mais frequentavam o *Laboratório de Memórias*, com o objetivo de os conhecer e obter mais informações sobre algumas memórias já partilhadas. O modelo da entrevista foi informal, no sentido de proporcionar uma maior confiança e conforto nos participantes. Relativamente ao guião, houve um guião base e este foi adaptado a cada indivíduo.

Guião genérico:

Perguntas introdutórias

1. Em que ano nasceu?
2. Sempre viveu na Trafaria?
3. Onde morou?

Perguntas sobre o *Laboratório de Memórias*

4. Há quanto tempo vem ao *Laboratório de Memórias*?
5. Como é que soube da existência desta atividade?
6. Como é que foi para si a experiência inicial? Já conhecia pessoas do grupo?
7. Neste momento o grupo está a elaborar um livro sobre as praias e depois vai fazer um sobre os comércios. Algo que a Mariana tem vindo a dizer é que nem sempre podem fazer algumas iniciativas que o grupo deseja por falta de recursos. Se houvesse liberdade para fazer o que o grupo desejasse, o que é que a gostava de ver a ser feito? (exposições, reabilitação de espaços, livros, visitas guiadas, museu)

Perguntas sobre o tema dos Comércios e Serviços

8. Nós selecionámos 3 principais ruas de comércio no encontro do *Laboratório de memórias*, que outros comércios, fora dessas ruas, considera relevantes? Porquê?
9. Existiram comércios ou estabelecimentos que tiveram algum impacto sobre si? Recordo o *Mercedito* que foi o primeiro estabelecimento na Trafaria com televisão e onde nasceram os *Gatos Negros* e é algo que algumas pessoas do grupo do LM disseram ter uma grande importância pessoal. Há algum em particular que tem importância para si? Porquê?
10. Quanto ao seu dia-a-dia, que comércios costumava frequentar e porquê?
11. Sente que os comércios correspondiam às necessidades da comunidade Trafariense? E nos dias de hoje?
12. Teve alguma relação mais direta com os comércios? Ou seja, já trabalhou em algum, teve familiares próximos a trabalhar em algum ou foi proprietário?
13. Quando comparamos o passado com o presente distinguimos muitas diferenças no que toca aos comércios. Muitos deixaram de existir e nos dias de hoje são poucos os estabelecimentos que existem. Qual considera ter sido a razão para isto acontecer?
14. Sente que esta mudança teve impacto sobre si e sobre a restante comunidade Trafariense?

Perspetivas futuras

15. O meu trabalho final vai para um arquivo digital, o que o torna pouco acessível a pessoas que não tenham os meios para aceder à internet e a quem não sabe utilizar computadores. Que outras iniciativas gostava que resultassem deste trabalho ou que considera interessantes/importantes? (exposição, livro/documento, apoio na biblioteca para acesso ao arquivo)

A.3 Registos de memórias dos comércios da Trafaria

Ao longo da partilha de memórias do *Laboratório de Memórias* sobre os comércios da Trafaria, estas foram registadas em tabelas. Cada tabela corresponde a uma rua, com os diferentes comércios, números de porta, memórias partilhadas e outros registos encontrados em documentação partilhada pelo grupo.

Rua Tenente Maia (Rua da Direita)

COMÉRCIO	Nº PORTA	MEMÓRIAS	OUTROS REGISTOS
Restaurante "Friagem"	-	Conhecido como "Chico das Caldeiradas", o dono era conhecido como Ricardino (Ricardo Domingos). Famoso pelas caldeiradas e sessões de fado. Era um espaço grande.	-
Taberna - Ferro velho - Restaurante "Bom Petisco" (atual)	10	Restaurante "Bom Petisco" era inicialmente de José António, nome pelo qual era mais conhecido o estabelecimento (ou "pai Simões"), depois passou para a sua filha Cristina Simões. Sempre teve este aspeto sem muitas alterações. Os Azulejos são mais recentes. O seu peixe grelhado era muito famoso. Por cima, vivia Bruno que ajudava muitas pessoas da vila fazendo empréstimos.	José António Simões, nº 14
Sapateiro - Carvoeiro/Taberna/Mercearia - "Tasquinha do Aires"	16, 18, 20	O proprietário era o Manuel. Na esquina da Taberna vendia carvão avulso, petróleo e álcool para fogões.	Tasquinha do Aires nº 16-18-20 (pág. 304)
"Casa Ideal"	22	O Sr. Moreira foi um dos proprietários. Dos estabelecimentos mais antigos com o mesmo nome. Sempre teve este aspeto. Atualmente está maior do que antes.	-

Manuel da Leitaria/Mercearia - Café bar "Aquários"	30	Este primeiro estabelecimento vendia rebuçados com cromos do futebol para preencher uma caderneta. Para a completar era necessário um cromó único que normalmente estava no fundo da caixa dos rebuçados.	Lareira nº 30 (pág. 303)
Sapateiro	34	O dono era o Sr. Salvador e o espaço era sapateiro e habitação	Artur do Carmo Salvador, nº 34 (pág. 273)
Sapataria "Fatipetro"	36	Sapataria da Prudência. Ao lado era drogaria, havia ligação entre os dois estabelecimentos. Eram ambos os espaços da mesma pessoa (1967-1981)	-
Drogaria	38	Drogaria da Prudência.	-
Sapataria - Casa da Mocidade - Peixaria e Congelados		A Sapataria era do Mário Azevedo. Nos anos 50 passou a ser Casa da Mocidade, depois nos anos 80, Peixaria e Congelados do Amaral e depois passou para Teresa Espada (2000-2013).	-
Cabeleireira	44	-	NANDINELA (Maria Feliciano Arrenga Balola, nº 44 (pág. 303))
Padaria do Zé Paulo - Padaria		Ficava ao lado da Cocheiro do Augusto. Inicialmente era do Augusto e depois passou para o Zé Paulo.	José Paulo Martins, nº 48
Cocheira do Augusto		Era para guardar a lenha para a padaria que estava ao lado. Alguma lenha ficava na rua.	-
Fim de rua			
Barbeiro Faustino - Cabeleireira Palmira	5	-	-
Barbearia	25	Sempre foi barbeiro, terá 30 anos ou mais. O primeiro proprietário foi o Sr. Necas, que faleceu e foi substituído pelo Sr. Luís que também faleceu. Agora pertence a uma cadeia de. Foi criada após o fecho, década de 1970 (?), da barbearia do Rafael no Largo da República.	Barbearia Popular (Manuel dos Santos Carvalho, nº 25. Luís Augusto Sargaço Correia, nº 25 (pág. 303))
Loja de artigos para bebé	27	Era da Laura, esposa do Kika, Oculista. O oculista ficava do outro lado na Rua 5 de Outubro e havia ligação entre ambos os estabelecimentos.	-

O Andorinhas - 25 de Abril - O Alentejano	31	Tinha entrada por ambas as ruas (Rua Tenente Maia e Rua 5 de Outubro).	Restaurante 25 de Abril- R. 5 de Outubro, 36 e R. Tenente Maia, 33 (pág. 273)
Mercearia do Bazaruca	39	Da D. Ana (o Bazaruca e a Ana eram um casal). Do outro lado da rua (Rua 5 de Outubro) era a Taberna do Toíta que era filho da D. Ana.	António Francisco Lavadinho, nº 39. António Francisco Lavadinho nº39 (pág. 305)
Retrosaria - Café "Desporto"	53	Rafael Correia, dono do café, foi jogador de futebol nos anos 50. Tinha bilhar. Com ligação para a Rua 5 de Outubro.	Café Desporto, Lda, nº 51-53

Tabela 1- Registo de memórias dos comércios da Rua Tenente Maia

Largo da República

COMÉRCIO	Nº PORTA	MEMÓRIAS	REGISTOS
Frutaria - Casa de jogos - Frutaria -Artigos de obras - Peixaria e congelados - Artigos para animais - Loja de roupa (atual)	12	Sempre teve este aspeto. Nos anos 50 era Frutaria, depois Casa de Jogos nos anos 70 e nos anos 80 Frutaria. A segunda Frutaria foi da Cecília. O Edifício era da família Pinto. Peixaria e congelados (Silva).	-
Drogaria - Casa de roupa - Cabeleireiro -Artigos naturais - Mercearia (atual)	8	A Drogaria era dos anos 50, inicialmente do Godinho Fezes e depois o seu sobrinho Xico Fezes. Nos anos 60/70 era Casa de Roupa e nos anos 2000 Cabeleireiro.	-
Papelaria	4	Papelaria de 1953/1956, também livraria.	Cabeleireira Dina, 1º esq.
Talho - Tutti praia - Chuva de Prata	-	O Talho era do Possidónio, o Tutti Praia era do José Augusto Quintas (1966) tendo aberto primeiramente na Costa da Caparica. O Chuva de Prata terá iniciado nos anos 80.	Chuva de Prata (Carlos Alberto Gonçalves Santos, nº 7. Chuva de Prata nº7 (pág. 303)
Pedro Polido (Taberna) - Talho - Mercearia (atual)	9	Pedro Polido era da família do proprietário da taberna. Taberna do Zé Alberto. Talho seria dos anos 80.	Pick-nick- Pedro Polido, ed. mercado

Talho 20 - Talho d'Esquina	7	Talho 20 era do Américo Jorge.	-
Mercearia do Adelino	-	<i>Minimercado Tejo</i> , no Edifício do mercado.	Adelino dos Santos Coelho
Casa de Móveis - Chave d'Ouro	-	Inicialmente foi casa de móveis do Coque. Depois passou a ser Chave d'Ouro, na década de 50. Inicialmente café (Sr. Dimas e Beatriz, irmã da D. Laura da mercearia e da Ilda do Cinema) e depois restaurante.	Café Chave de Ouro, nº 26. Café Chave de Ouro, nº 26. (pág. 303)
Taberna do João - Restaurante Bugio - Restaurante Dom Antónios	-	Era uma casa térrea. O dono era Ricardo, tio do João. Ficou a ser conhecida como "Taberna do João do Ricardo". O prédio foi construído em 1965. Foi nesta taberna que Mifá (Fátima Oliveira) aprendeu a beber cerveja.	Bugio nº 30 (pág. 303)
Taberna Vinho por conta do lavrador- Loja Nini	22	Taberna pertencia à família dos Vitorinos, mas era explorada pelo Sr. Cartola (o seu nome era João, avô da Lena), anos 60. Odete Espada tinha a Loja Nini e vendia coisas de decoração, material para a casa, linhas, tapetes, etc.	Casa Pani Perri nº 22 (pág. 306)
Padaria do Miranda/Sapateiro - Xandite	-	Era do Miranda e depois da Maria José, sua nora. Era uma casa térrea. Tinha um pequeno sótão onde havia um sapateiro, chamavam-lhe "o espanhol". Para subir ao sótão, entrava-se pela rua Tenente Maia. Xandite terá aparecido nos anos 90.	-
Taberna - Taberna Pinga Azeite - Casa dos trezentos	20	Casa dos trezentos será do ano 2000. Anteriormente chegou a acolher pessoas idosas.	Maria Encarnação Rocha, 20
Casa de bicicletas - Barbeiro - Cabeleireira (atual)	-	Edifício era dos Mirandas. Prédio terá sido construído em 1960.	-
Papelaria	-	No atual multibanco. Do Sr. Godinho e D. Aida. Chegou a ser talho, mercearia, entre outras coisas.	Godinho & Sobrinho, nº 2 (pág. 305)
Peixaria - Peixaria Soraia	-	Conhecida pela Guida. Ao lado da mercearia do Adelino	-
Farmácia	-	Ficava onde está agora o muro da Igreja.	-

Tabela 2- Registo de memórias dos comércios do Largo da República.

Rua 5 de Outubro

COMÉRCIO	Nº	INFORMAÇÃO	REGISTOS
Loja de artigos para lar - Tarrafa	-	D. Albertina (loja). Tarrafa da Rosa, era pronto a comer. “Casa Agulhas e Alfinetes da Ti Albertina”	Tarrafa (Maria Helena Caetano Machado, nº 9 (pág. 306)
Barbeiro - Café	-	Barbeiro, posteriormente café (Teresa Espada). Do lado oposto, no Largo da República era a papelaria.	-
Mercearia O Botas - O Botas Amanhecer (atual)	-	Joaquim Botas. Também vendia tecidos. Não tinha a mesma cor que tem nos dias de hoje, mas tinha a estrutura de madeira que se encontra no telhado. No armazém, da parte lateral, alguns acreditam que houve bombeiros. Na esquina em frente, por cima do talho, iniciou a sociedade recreativa Trafariense.	-
Depósito de pão	-	Depósito do Miranda.	-
Taberna - Cortiço	45	Luís Dá (taberna), depois vieram imigrantes de Espanha, passando a ser conhecido como O Espanhol. Zeca e Ana (Cortiço).	Cortiço (Manuel Alves de Abreu), nº 45. Manuel A. Abreu nº 45 (pág. 303)
Mercearia da Laura	49	Laura era irmã da Ilda do Cinema e da Beatriz da Chave d'Ouro.	Laura Lopes, nº 49
Ti Júlio Canteiro (Carvoeiro e Taberna)	7	(no Largo Manuel Arriaga)	-
Clube de vídeo - Loja de artigos de desporto - barbeiro - loja de roupas de criança (Tininha)		Barbeiro foi numa das janelas do atual edifício. Clube e loja de desporto na mesma janela, barbeiro noutra e loja de roupas na janela a seguir.	Casa Tininha, nº 57. Casa Tininha, nº 57 (pág. 303). Casa Tininha nº 57 (pág. 304)
Prédio	53	Sr. Miranda do Táxi, no rés do chão dto. Maria Virgínia Caetano (filha do proprietário), telefonista do lado eq. Lúcio enfermeiro da tropa, 1º dto.	-

Serralharia do Florentino	88	Tinha o mesmo aspeto de agora. Na porta azul ao lado havia um casal que apanhava cordas na praia para fazer capachos, casal Valentim.	-
Artigos de pesca	69	Venda de artigos de pesca e verão da D. Fernanda.	Casa Pescaça, nº 69. Fernanda G. Gomes, nº 69 (pág. 303)
Taberna- Café O Barrigas- Estética	-	Café Barrigas- família do Ti Américo da Fruta.	Café cervejeira Paulo Alexandre (O Barrigas), nº 100. Café-Cervejeira Paulo Alexandre (Barrigas) nº 100 (pág. 303).
Oficina	71	Do filho do Florentino.	-
Os gatos	98	Le Gateau, vendiam leite de porta a porta.	-
Cabeleireira	10		-
Sapateiro		Do pai da Guida. Ficava quase em frente do Tarrafa. Antes do canalizador	-
Barbearia-Canalizador	26	Pedro (canalizador)	Pedro Marques da Silva. Pedro Marques Silva nº 26 (pág. 304)
Kika, Oculista	30	Kika, esposo da Laura.	Óptica Kika, nº 30. Óptica Kika nº 30 (pág. 305)
O Andorinhas - 25 de Abril - O Alentejano	-	(entrada pelas duas ruas)	Restaurante 25 de Abril- R. 5 de Outubro, 36 e R. Tenente Maia, 33 (pág. 273). Restaurante 25 de Abril- R. 5 de Outubro nº 36, R. Tenente Maia nº 33 (pág. 306)
Cabeleireira - Barbearia Coisa Leve (atual)	17	A dona foi Matilde e depois alugou à Fernanda (da casa Singer).	Salão Matilde, nº 17. Salão Matilde nº 17 (pág. 303)

Casa Quintas	40, 44	Venda de roupas, tecidos. Carlos Caria trabalhou lá a partir do dia 1 de outubro de 1966, com 13 anos. A parede de cima estava cheia de placas de esmalte porque além de ser venda de roupas e de fazendas, tinha uma pequena parte de retrosaria que era representante das casas bancárias de Lisboa.	Casa Quintas, nº 40. Casa Quintas, nº 40. (pág. 273)
Taberna do Toíta	46	Com ligação para a mercearia da D. Ana (Rua Tenente Maia).	-
Venda de hortaliça	31	Rita	-
Mercearia do Augusto	92	-	Augusto Castanheira Pereira, nº 92. Augusto Castanheira Pereira, nº 92 (pág. 305)

Tabela 3- Registo de memórias dos comércios da Rua 5 de Outubro.

A.4 Mapeamento dos comércios

Todos os comércios registados foram posteriormente documentados num mapa da Trafaria, utilizando a ferramenta *Zeemaps*. O *Zeemaps* permite adicionar a um mapa *pins*, texto, fotografias, vídeos e links. Neste mapa está apontado a localização dos comércios, memórias partilhadas pelo grupo e uma fotografia associada ao estabelecimento (Figura 4).



Figura 3- Mapeamento dos comércios da Trafaria



Figura 4- Mapeamento dos comércios da Trafaria.

A.5 Ficha de áudio (exemplo)

Durante a investigação do arquivo digital da biblioteca, foram redigidas fichas de áudio sumariando as gravações dos encontros do *Laboratório de Memórias*.

FICHA DE ÁUDIO – 16.01.2018

DATA DE SESSÃO: 16.01.2018

LOCAL: Biblioteca da Trafaria

MODERADOR: Mariana Vargues, com Sandra Garcia

REDAÇÃO DE FICHA: Rita Correia

PARTICIPANTES:

Carlos Santos (Capitão)

José Manuel Borges

Vítor Azevedo

Eduardo Peres

Aprígio Avelino Monforte Queiroz

Fernanda Queiroz

Fátima Oliveira (Mifá)

TEMAS:

Apresentações dos participantes.

Comércios da Rua 5 de Outubro.

DATAS:

1938- Nascimento de Vítor Azevedo e de Carlos Santos.

1940- Nascimento de Aprígio Queiroz.

1945- Vítor Azevedo vem para a Trafaria.

1950- Nascimento de Fátima Oliveira.

1963- Gatos Negros atuam na Incrível Almadense.

1968- Carlos Santos vem para a Trafaria.

1969- Casamento entre Fernanda Queiroz e Aprígio Queiroz.

1972- Fátima Oliveira sai da Trafaria.

1973- José Manuel Borges vem da Guerra.

2013- Fátima Oliveira volta para a Trafaria.

2017- Falecimento de António Oliveira (pai de Fátima Oliveira).

CONTEÚDO:

Apresentação dos participantes- início até 00:46:00

Aprígio Avelino Monforte Queiroz, está na Trafaria há 77 anos. Viveu 22 anos na Charneca e 18 em Murfacém (fez uma casa lá e vendeu-a há 2 anos). Nasceu em Vila Verde de Ficalho. Houve pessoas que pediram ao seu pai para serem padrinhos de batismo seu e que o seu batismo ficasse em Vila Verde de Ficalho. Por isso tem nascimento em Vila Verde de Ficalho mas é da Trafaria. O seu pai morreu, por isso foi criado pelo seu tio. Disse ao seu pai (tio) que não queria estudar, queria um café. Havia um armazém que só guardava batatas e ele queria abrir o café ali. E assim, abriu-se o café com pastelaria, o que foi um sucesso porque não havia. Já está com a sua mulher há 58 anos (Fernanda Queiroz). O seu avô chamava-se José Batista de Queiroz, tinha dois restaurantes, *O barbas*.

Fernanda Queiroz, esposa de Aprígio. Nasceu na Trafaria. Casou com 18 anos. O Marido teve um café. O tio da Fernanda tinha um prédio com um espaço por baixo vazio, onde o marido com 19 anos (em setembro) abriu o café. Depois em novembro casaram-se. Fernanda ajudava na loja e no café. A mercearia era antiga. Casou-se em 1969.

Fátima Oliveira (Mifá), filha de António Oliveira (faleceu em agosto), nasceu em 1950, saiu da Trafaria em 1972 (casou-se e foi embora) e voltou em 2013.

Havia carreira para a Cova do Vapor.

Vítor Azevedo, nasceu em 1938, veio para a Trafaria em 1945.

Sandra Garcia, trabalha na biblioteca da Trafaria. Nascida e criada na Cova do Vapor.

Carlos Santos (Capitão), nasceu em Lisboa, viveu em Vila Franca. Em 1968 veio para a Trafaria. Nasceu em 1938.

Eduardo Magalhães, nasceu na Cova da Piedade.

Na Ramalha, há um centro paroquial que tem um arquivo de história de algumas freguesias de Almada (Trafaria não está incluída).

José Manuel Borges, esteve 35 anos no futebol (da Trafaria) e agora está nos bombeiros.

Comércios- 00:46:00

Ruas principais de comércio: Rua 5 de Outubro, Rua Tenente Maia, Largo

Rua 5 de Outubro:

A casa pequena era uma mercearia, **Mercearia do Augusto**.

A casa amarela era a **Vacaria da Ilda do Gato**, entre os anos 50 e 60. Tinham umas vacas e as pessoas iam lá buscar o leite.

Casa das pescas da Fernanda, vendia artigos de pesca e caça. Finais de anos 50. A senhora, o esposo e os filhos já faleceram. Fernanda terá morrido depois de José Manuel Borges vir da Guerra em 1973.

Tasca do Barbas, Serralharia, Padaria da Albertina, Sapateiro Alcides, Mercearia Laura, Américo da fruta

Os ensaios dos Gatos Negros eram feitos na cave do café de Aprígio. Foram convidados para tocar na Incrível Almadense, por cerca de 1963.

RECURSOS:

Google maps: vistas de rua.

“Tarrafa, Mini Contos de Ficção”, de Kim Martins.

ARQUIVO DIGITAL:

Arquivo documental: Comércio

Arquivo fotográfico: Comércio

OBS.:

